

Instituto Politécnico de Setúbal



Escola Superior de Ciências Empresariais

**A inserção dos jovens no mercado de
trabalho: o caso dos jovens com o
ensino secundário**

Duarte Miguel Rodas Botelho

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau
de

MESTRE EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE RECURSOS HUMANOS

Orientador: Professor Doutor António José Almeida

Setúbal, 2016

À memória da minha avó.

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho só foi possível com um grande empenho da minha parte, pois um trabalho destes obriga a grandes sacrifícios pessoais e profissionais.

Foram muitas as pessoas que por alguma razão fizeram parte deste caminho longo, com avanços e alguns recuos.

Queria começar por agradecer ao meu orientador, Professor Doutor António José Almeida, pela forma inexecedível e elevada com que foi orientando este trabalho, não se cansou de dar sugestões que me ajudaram a melhorar bastante a qualidade do trabalho. Através de alertas e obrigando-me a reflectir de forma crítica, sem a sua total disponibilidade e ajuda não teria sido possível.

Assim como, a todo o corpo docente responsável pelo Mestrado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos.

Queria agradecer, aos meus pais e irmão por todo o apoio e motivação que me transmitiram nos momentos mais complicados e compreensão em algumas fases mais “negras”.

Queria agradecer à minha namorada por todos os sacrifícios que fez, pela enorme tolerância apresentada ao longo do trabalho por todas as privações que inevitavelmente acontecem durante a produção dum trabalho deste género.

Por último, queria agradecer aos jovens entrevistados pela sua colaboração e disponibilidade, pela partilha de informação e vontade de ajudar.

Resumo

A problemática da inserção dos jovens no mercado de trabalho tem sido estudada por vários autores, realçando as dificuldades que enfrentam e as suas trajectórias após a formação inicial.

Os resultados destes estudos têm mostrado o tipo de dificuldades com que os jovens se deparam na saída de casa dos pais e entrada no mercado de trabalho e que nem todos os percursos se desenvolvem de forma fácil.

Num mercado cada vez mais competitivo e onde o desemprego tem vindo a aumentar, os jovens são um dos grupos mais afectados, levando a que sejam sujeitos a empregos precários.

É com base nesta problemática que nos leva ao objectivo principal deste estudo, identificar e compreender os factores inerentes à transição dos jovens para o mercado de trabalho no Concelho do Montijo, tendo como pergunta de partida “Como se caracterizam as trajectórias de inserção no mercado de trabalho dos jovens com o ensino secundário?”.

Para desenvolver o estudo, recorreremos a uma metodologia qualitativa, estudo de caso, usando como técnicas de recolha de dados, a entrevista semiestruturada e a análise de dados pré-existentes. De seguida realizou-se o tratamento dos dados recolhidos, aplicando a análise de conteúdo.

Os resultados do estudo permitiram identificar as dificuldades que os jovens enfrentam, na transição para o mercado de trabalho e como os ultrapassam.

Palavras-Chave: Jovens, Inserção Profissional, Desemprego Jovem; Mercado de Trabalho

Abstract

The integration of young people into the world of work has been a problem studied by several authors, who emphasize the difficulties young people face and their trajectories after initial training.

The results of these studies have shown the difficulties young people face when they leave their parents' house and enter the labour market, and that not all journeys unfold smoothly.

In an increasingly competitive market where the unemployment rate has been growing, young people are one of the more severely affected groups. This is a situation that leads them to precarious jobs.

This problem paves the way to the main purpose of this study: to identify and understand the factors there are inherent to young people's transition into the labour market in the municipality of Montijo, having as a starting question: "How do we characterize young people's trajectories in the integration into the labour market?".

In order to develop this study, we relied on a qualitative methodology, case study. As data collection techniques, we used semi-structured interviews and pre-existent data analysis. Then, we used content analysis to treat the data collected.

The results of this study have made possible to identify the difficulties young people face in the transition into the labour market and how they are able to overcome them.

Keywords: Youths, Transition-to-work, Unemployment, Labour Market

Índice Geral

Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	3
1.1 - A construção social da juventude e a sua relação com o mercado de trabalho	3
1.2 - A inserção profissional como um processo complexo e não linear	7
1.3 - As alterações do mercado de trabalho e a crescente precarização das relações de trabalho	11
1.4 - O desemprego jovem e as políticas públicas de emprego	14
Capítulo II – Objectivos e metodologia	18
2.1 - Objectivos do estudo.....	18
2.2 - Metodologia de investigação.....	18
2.3 - Técnicas de recolha de dados	21
2.4 - Técnicas de tratamento de dados.....	23
2.5 - Caracterização da amostra	25
Capítulo III – Estudo empírico	27
3.1 – Breve caracterização do emprego no concelho de Montijo	27
3.2 - Caracterização sociográfica dos jovens entrevistados	30
3.3 - Caracterização das trajectórias escolares dos jovens.....	32
3.4 - Caracterização das trajectórias profissionais dos jovens	35
3.5 - Estratégias futuras face ao mercado de trabalho	38
Conclusão.....	42
Bibliografia.....	45
Apêndices.....	49

Índice de Quadro e Gráficos

Quadro n.º 1 – Caracterização da amostra segundo sexo, idade, escolaridade e situação profissional	26
Quadro n.º 2 – Caracterização sociográfica da amostra segundo idade, sexo, estado civil, número de filhos, se vive com os pais e escolaridade	31
Quadro n.º 3 – Caracterização da amostra segundo escolaridade, modalidade de formação, área de formação e reprovação / interrupção	33
Gráfico n.º 1 – Peso dos jovens desempregados com menos de 25 anos face ao total dos desempregados.....	29
Gráfico n.º 2 – Peso dos jovens desempregados com menos de 25 anos e total de desempregados do concelho do Montijo face à região de Lisboa e Vale do Tejo	30

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas temos vindo a assistir ao aumento do desemprego, causado pelas transformações no mercado de trabalho e pelas novas formas de organização das empresas.

Os jovens têm sido os mais afectados por este fenómeno, nomeadamente nos processos de transição para o mercado de trabalho, o que se tem traduzido numa tendência generalizada para o aumento da taxa de desemprego e da precariedade nas relações de trabalho.

As suas dificuldades na transição para o mercado de trabalho, revelam-se incertas e não lineares, sendo marcadas pela precariedade e flexibilização do emprego, limitando os projectos de vida dos jovens, nomeadamente a saída de casa dos pais, o casamento e a constituição de família.

Os estudos sobre a problemática da transição dos jovens, após a formação escolar, evidenciam que este processo tem sofrido alterações profundas, o que nos leva ao questionamento dos factores que influenciam o processo de transição para o mercado de trabalho.

Para a elaboração deste estudo, formulou-se a seguinte pergunta de partida: “Como se caracterizam as trajectórias de inserção no mercado de trabalho dos jovens com o ensino secundário?”. No sentido de responder à pergunta de partida, enunciamos como objectivo geral do estudo a compreensão dos factores que influenciam a transição dos jovens para o mercado de trabalho, tendo recorrido à entrevista como principal técnica de recolha de dados e à análise de conteúdo como técnica de tratamento de dados.

No que respeita à estrutura do relatório este encontra-se dividido em três capítulos, a saber: a revisão da literatura, os objectivos e metodologia e a análise e discussão dos resultados do estudo empírico.

O primeiro capítulo debruça-se sobre a revisão da literatura, onde se procura fazer uma abordagem teórica aos conceitos que sustentam o estudo, sendo eles: construção social da juventude, inserção profissional dos jovens, alterações do mercado de trabalho, mercado de trabalho em Portugal, precariedade no emprego, desemprego jovem, políticas públicas de emprego, políticas activas de emprego e balanço sobre os modos de inserção profissional dos jovens.

O segundo capítulo refere-se à metodologia utilizada para a realização do estudo, no qual se explicitam os objectivos do estudo, os métodos e técnicas de investigação, bem como as técnicas

de recolha de dados, as quais se basearam em entrevistas semiestruturadas dirigidas a jovens do Concelho do Montijo, passando pela análise documental e caracterização da amostra de estudo.

O terceiro capítulo inclui a caracterização da evolução sectorial e do desemprego juvenil do Concelho do Montijo, a caracterização da evolução do desemprego juvenil no Concelho assim como a análise das 4 dimensões de análise que consideramos no nosso estudo: dados sociográficos, trajectória escolar, trajectória profissional e, por último, as estratégias futuras face ao mercado de trabalho.

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O primeiro capítulo deste trabalho assenta na necessidade de se proceder a um conjunto de leituras no âmbito da problemática da construção social da juventude, inserção profissional, alterações do mercado de trabalho, precariedade no emprego, desemprego e políticas públicas de emprego em Portugal.

1.1 - A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE E A SUA RELAÇÃO COM O MERCADO DE TRABALHO

O significado do termo “juventude” sofreu mutações ao longo das últimas décadas e se “nos finais dos anos 60 a juventude era um “problema”, na medida em que era definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais, a partir da década de 70 os “problemas” de emprego e de entrada na vida activa tomaram progressivamente a dianteira nos estudos sobre a juventude, que (...) quase se transformou numa categoria económica” (Pais, 1990:143).

Até meados dos anos 70, os indivíduos procuravam a melhor posição possível no mercado de trabalho, pois este tinha condições para receber toda a gente, mesmo as pessoas que possuíam menos qualificações escolares e profissionais. Nos finais dos anos 70 a situação altera-se, as posições profissionais hierarquicamente superiores começam a diminuir mesmo para os jovens com mais altos níveis de habilitações, levando a que os jovens procurassem um emprego qualquer que ele fosse (Alves, 2008).

Vários autores (Alves, 2008) referem que os obstáculos que os jovens enfrentam na transição para a vida activa e a forma como o prolongamento dos processos de inserção profissional se manifestam na aquisição do estatuto de adulto têm sido objecto de um conjunto de políticas que visam facilitar a inserção dos jovens no mercado de trabalho, sendo um importante ponto de investigação no campo da sociologia, principalmente a partir dos anos 80.

Os inúmeros estudos realizados acerca da inserção profissional dos jovens, consideram que as transformações económicas das últimas décadas têm causado alterações significativas nos processos de transição da escola para o mercado de trabalho, levando a que os jovens estejam mais vulneráveis ao desemprego e à precariedade (Alves, 2008).

Neste âmbito, a inserção no mercado de trabalho passa a ser entendida como um processo que se tem vindo a prolongar até à entrada na “terra prometida”, ou seja, conseguir um emprego

estável (Charlot e Glasman, 1998 cit in Alves, 2008:13) ou, como afirma Vernières (cit in Alves, 2008), uma posição estável no mercado de trabalho. Na realidade, sempre houve facilidade em mudar de emprego com vista a obter um que correspondesse às expectativas e ambições profissionais dos jovens mas, actualmente, as mudanças de emprego deixaram de ser uma opção voluntária devido a factores externos que fogem ao seu controlo. As mudanças passaram a ser, para a maior parte dos jovens, a consequência da sua inserção precária no mercado de trabalho (Alves, 2008).

A ideia de juventude tem sido alvo de um processo de construção social influenciado por factores de natureza económica, política e social. Para uns autores, “a juventude como idade de vida sempre existiu”, para outros “a juventude é socialmente construída e o seu aparecimento é um produto histórico da modernidade” (Alves, 2008:17).

Segundo Guerreiro et al (2007:240), a juventude como categoria social está presente nas cidades actuais devido ao prolongamento das trajectórias de escolaridade para aquisição de competências, resultando no adiamento da entrada no mercado de trabalho, mantendo os jovens cada vez mais tempo afastados da “esfera produtiva, na dependência económica das famílias ou do Estado, mas desenvolvendo simultaneamente, autonomias muito significativas em termos de redes de sociabilidade, identidades culturais, estilos e projectos de vida”.

Neste contexto foram crescendo novas formas de expressão cultural urbana nem sempre aceites, dando origem a tensões frequentes e violentas com os poderes dominantes, e a ansiedades, repressões e exclusões (Guerreiro et al., 2007).

Durante muitos anos a juventude estava ligada, como defende Galland (cit in Alves 2008:19), “a uma idade de espera, de dependência económica e de incerteza, associada à imprudência, ao desvario e ao divertimento”.

Alves (2008:23) afirma que a juventude “é um produto da modernidade”. Esta modernidade está ligada, à “escola de massas” levando, por conseguinte, à escola obrigatória, à institucionalização e criação de uma espaço para a socialização, à participação do Estado na aplicação de medidas de regulação da sociedade, a enormes mudanças sociais induzindo um conjunto de problemas associados aos jovens contribuindo para que estes passassem a ser uma preocupação social. São estes problemas, os quais estão associados “à delinquência, imoralidade, prostituição, exploração económica”, que permitem afirmar que a construção da juventude possui uma “marca de classe” (Alves, 2008:24).

Ao longo das décadas finais do Séc. XX esses problemas foram-se alterando com o desemprego e precariedade resultante da proliferação das formas atípicas de emprego, tornando-se os jovens as primeiras vítimas da globalização e internacionalização da economia (Alves, 2008).

Em Portugal, Sedas Nunes (cit in Alves, 2008:31) referia-se à juventude como um conjunto de “meios sociais juvenis” e defendia a existência de várias juventudes (burguesas e operárias). É

nesta base entre a unidade da juventude e a sua diversidade que assenta uma das principais diferenças entre as várias teorias da sociologia da juventude.

Na mesma perspectiva, para Pais (1990:144) a juventude pode ser vista como uma “construção social”, sendo constituída por indivíduos que pertencem a uma determinada fase da vida em que esta aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens, perspectivas e aspirações.

Roberts (cit in Alves, 2008:34) defende que, nos dias de hoje, os jovens são confrontados com uma individualização de trajectórias, devido ao aumento e à diversificação das oportunidades, o que poderá levar a “um sentimento de individualidade e à aceitação da responsabilidade individual na construção da respectiva biografia”.

Pais (1990:150) afirma que “a juventude é vista em termos de uma sequência de trajectórias biográficas entre a infância e a idade adulta” em constante mudança, originando os inevitáveis problemas de instabilidade.

A juventude tem sido vista como uma fase de vida marcada por instabilidade associada a determinados problemas sociais enquanto que “um adulto é «responsável», diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento)” (Pais, 1990:141).

As transformações estruturais na sociedade levam a uma transformação do modo como os jovens fazem a sua passagem para a vida adulta, surgindo os problemas sociais. Por isso, “as sociedades modernas são marcadas por enormes assimetrias nos capitais culturais e escolares. Estas desigualdades são acentuadas em países como Portugal, em que a modernidade decorre a vários tempos” (Guereiro & Abrantes, 2007:16).

Os indivíduos aceitam ou não as oportunidades que vão surgindo, sendo as suas biografias criadas ao longo da vida. As escolhas são reversíveis, as oportunidades vão-se alterando e as biografias vão-se construindo fruto das decisões tomadas a cada momento (Alves, 2008).

Assim sendo, cada pessoa corre riscos por cada decisão que toma. Apesar das oportunidades serem mais numerosas, os resultados das decisões tomadas são por vezes mais imprevisíveis e incertas. Desta forma, as trajectórias biográficas são o resultado das escolhas que fazem (Alves, 2008). Para vários autores (Alves, 2008:38), “a juventude corresponde, a várias transições que ocorrem no curso da vida e durante a qual os jovens vão assumindo diferentes estatutos, resultando da interacção entre as escolhas individuais e as oportunidades sociais”.

Para Oliver Gallard (cit in Alves, 2008:38), o conceito de “entrada na vida adulta” corresponde à passagem de vários patamares: “conclusão da formação, início da vida profissional, saída da casa dos pais, formação de uma nova família”. A entrada na vida adulta ocorre, desta forma, “num

patamar público”, que vai da escola para o mundo do trabalho, “e num privado”, que corresponde ao abandono da família de origem e à criação de um novo núcleo familiar”.

Alves (2008:39) define “o prolongamento da juventude como o adiamento de sucessivos patamares que dão acesso à idade adulta”. Porém, tem-se vindo a observar um aumento generalizado da idade em que os jovens terminam a sua formação, iniciam a vida activa, abandonam a casa dos pais, se casam ou têm o primeiro filho. Em Portugal, o prolongamento da juventude é um fenómeno recente, ou melhor, uma construção social recente. A juventude como tempo de preparação para a vida adulta dá lugar a uma identidade social e tempo de experimentação, onde cada indivíduo é responsável pela construção da sua identidade social e pela obtenção do respectivo estatuto social e profissional.

Wallace e Kovatcheva (cit in Alves 2008:61) defendem que “o prolongamento da juventude permite um desenvolvimento progressivo dos jovens (...) garantindo um período mais alongado de orientação e de apoio”. Actualmente os jovens dispõem de mais escolhas e oportunidades beneficiando de uma melhor assistência familiar e estatal.

Por outro lado, Guerreiro et al., (2007) referem que a transição para a vida adulta tem sido objecto de vários estudos dinâmicos, auto-reflexivos e multidimensionais. Assim, ela aparece como um trajecto socialmente construído, baseado em campos de possibilidades específicos, de histórias e projectos de vida individuais incidindo em dinâmicas sociais. Para os autores, “a transição para a vida adulta constrói-se em diversas transições, nomeadamente: saída da casa paterna, experiência de conjugalidade e iniciação na parentalidade” (Guerreiro et al., 2007:244). Desta forma, o processo de transição para a vida adulta revela uma contínua “tensão entre padrões de linearidade e de complexidade, acção individual e estruturas sociais” (Guerreiro et al., 2007:244). Este processo assenta numa linha que separa a juventude da idade adulta, reflectindo-se ao mesmo tempo na relação com o mercado de trabalho.

A juventude é vista, por um lado, como uma fase de experimentação, experiências relacionais, amizades. Por outro lado, a idade adulta é considerada como uma fase onde o indivíduo deverá ser mais responsável, “assentar” e constituir família (Guerreiro et al., 2007:245). Assim, a educação deixa de ser uma fase da vida, antecedendo a transição para a vida adulta, para passar a ser uma dimensão contínua de biografias nas sociedades modernas com intensidades e modalidades variáveis no tempo (Guerreiro et al., 2007:248).

Do ponto de vista de alguns autores, o prolongamento da juventude que temos vindo a descrever é o resultado das inúmeras alterações que desde a segunda metade do séc. XX têm vindo a ter lugar (Alves, 2008:47), em que “o adiamento da entrada na vida adulta, devido à maior duração das trajectórias escolares, encontra nas opções tomadas a nível das políticas educativas alguns factores explicativos mais potentes. O aumento progressivo da escolaridade obrigatória e o processo de democratização do acesso ao sistema educativo que teve início, na maioria das

sociedades europeias, na década de 50, são as duas medidas de política educativa responsáveis pelo fenómeno que os sociólogos da educação, designam de explosão escolar”.

A entrada no mercado de trabalho, para inúmeros jovens, é marcada por uma fase onde predomina o desemprego, a precaridade e a insegurança, à qual está associada a dependência económica por um período incerto. Neste contexto, a instabilidade financeira dos jovens, surge como um dos motivos para o prolongamento da juventude, permanecendo cada vez até mais tarde na família de socialização, adiando a sua independência (Alves, 2008).

Dentro do processo de transição para a vida adulta está a saída de casa dos pais, implicando um reajustamento relacional, a constituição de casa e família. Em Portugal, a saída de casa dos pais tem tendência a ser feita no momento do casamento ou compra de habitação (Guerreiro et al, 2007). Assim, a entrada na vida adulta, por vezes, é acompanhada de “uma nova relação de semidependência face à geração precedente, o que pode implicar (...) na ausência de alternativas a nível das políticas públicas e face aos regimes de trabalho, promovem a conciliação entre trabalho e vida familiar com base nas redes de apoio familiares” (Guerreiro et al, 2007:254).

1.2 – A inserção profissional como um processo complexo e não linear

Nos últimos anos, o sucessivo aumento do desemprego deixou de abranger apenas determinados grupos sociais específicos para incluir um conjunto mais diversificado de pessoas nas quais se incluem os jovens. Apesar de todos os grupos abrangidos pelo desemprego carecerem de um tratamento adequado, face à conjuntura actual, o grupo dos jovens causa grande preocupação, em particular porque encontram sérias dificuldades na sua inserção no mercado de trabalho (Alves, 2008).

A definição de inserção profissional não é consensual, apesar de haver uma multiplicidade de estudos para caracterizar esta problemática social. Existem inúmeras designações que caracterizam esta realidade (Alves, 2008): inserção profissional, entrada na vida activa, transição profissional, transição da escola para o trabalho, entrada no mercado de trabalho.

Como refere Alves (2008:13), “os estudos sobre a inserção profissional dos jovens são unânimes em considerar que as transformações registadas nas últimas décadas na esfera económica têm produzido alterações profundas nos processos de transição da escola para o mundo do trabalho. Com efeito, o desemprego e a precaridade conferem à inserção profissional dos jovens uma nova centralidade”.

De acordo com a mesma autora, “a inserção corresponde ao momento em que a articulação entre formação inicial e emprego ocorre, desenrolando-se sob o signo da adequação entre emprego-formação e da mobilidade social” (Alves, 2008:108).

Por outro lado, Marques (2009:85) menciona que os jovens procuram empregos incertos usando-os como último recurso, ou seja, “adquirem uma certa (ins) estabilidade identitária que forneça um sentido de temporalidade biográfica plausível”.

Para Dubar (2001) o conceito de inserção profissional é definido com base em três ordens de razões: o fenómeno é recente (remonta a 1970), por ser construído societalmente e conjunturalmente pelas circunstâncias políticas e socioeconómicas de cada país e porque é resultado de estratégias de vários agentes, jovens que procuram emprego, agentes educativos e empregadores. Surge assim o conceito de inserção profissional como “o processo social construído no qual são implicados actores sociais e instituições (historicamente construídas), lógicas (societais) de acção e estratégias de actores, experiências sobre o mercado de trabalho e heranças socio-escolares” (Dubar, 2001:34).

Rose (cit in Alves, 2008) fala do conceito de transição profissional como um processo socialmente estruturado, singular, longo e diversificado. Socialmente estruturado, porque nele intervêm vários actores, estado, empresas e redes sociais; singular, porque corresponde a um período isolado, durante o qual mudam de estatuto; longo, pois corresponde a um período cada vez mais alargado no tempo e diversificado, porque apresenta formas e ritmos variados.

Ferguson et al. (cit in Kovács, 2013) consideram que a utilização do termo transição deixou de ser adequada à realidade actual devido ao conjunto de mudanças evocadas.

Para Alves (2008) o termo "inserção profissional" encontra-se geralmente ligado a dificuldades encontradas na passagem entre a Educação/Formação e o mundo do trabalho e com o facto de ter deixado de ser um processo rápido e se ter transformado num processo longo e complexo, processo esse que se tenta minimizar com recurso a políticas activas de emprego de que os estágios são um dos exemplos.

Para Vincens (cit in Alves, 2008:92) é necessário compreender os comportamentos dos jovens ao longo das suas trajectórias escolares e profissionais, dado que “a noção de inserção deve ser associada a um projecto de vida que se começa a construir a partir das decisões que se tomam durante a trajectória escolar”. O autor vai mais longe ao afirmar que “o conceito de sistema de inserção profissional é constituído por dois mercados, mercado da formação e mercado dos formandos”.

Já Vernières (cit in Alves, 2008:93) associa a entrada na vida activa à passagem instantânea e breve da formação inicial para o emprego ou o desemprego, definindo inserção profissional como “o processo através do qual um individuo, ou um grupo de indivíduos que nunca pertenceu à população activa, ocupa uma posição estabilizada no mercado de emprego”.

A partir dos anos 70, a situação altera-se: “a passagem instantânea e linear do sistema educativo para o mercado de trabalho vai dar lugar a percursos mais ou menos sinuosos, labirínticos que se prolongam no tempo”, como menciona Nicole-Drancourt (cit in Alves, 2008:108). “A procura de um

emprego que corresponda às expectativas, vai dar lugar à procura de um emprego, qualquer ele que seja; a mudança de emprego quando não inserida em processos de mobilidade profissional ascendente, deixa de ser voluntária e passa a ser imposta, por razões às quais a larga maioria dos jovens é alheia” (Alves, 2008:109). O acesso directo à sociedade salarial é actualmente marcado, para a maioria dos jovens, pela passagem pelo desemprego, por empregos precários e por múltiplos dispositivos criados no âmbito das políticas activas de emprego como é o caso dos estágios profissionais (e os diplomas deixam de garantir o acesso à categoria socio-profissional correspondente). “O tempo de entrada no mundo do trabalho transporta as marcas da precaridade da instabilidade e da insegurança”, como afirmam Charlot e Glasman (cit in Alves, 2008:109).

As alterações nos sistemas económicos e produtivos levam a que as organizações/ empresas realizem um elevado investimento em inovação & desenvolvimento de forma a permanecerem competitivas, visando uma melhoria da qualidade dos seus produtos/serviços, dos seus padrões de produtividade e de uma forma geral, de todo o seu desempenho, ajustando assim os seus processos de trabalho. Toda esta reorganização dos processos de trabalho tem sido “... acompanhada por novas formas de mobilização de mão-de-obra, assentes na flexibilização do mercado de emprego e na precarização da relação salarial” (Alves, 2008:11).

Para Webster et al. (cit in Marques, 2009:89) a inserção profissional tem vindo a sofrer alterações no sentido em que grande parte das trajectórias profissionais hoje em dia, caracterizam-se “pela incerteza, descontinuidade e menor correspondência do diploma ao emprego”.

Vários estudos indicam que os jovens são as principais vítimas da flexibilização do mercado de trabalho na conjuntura da globalização, ou seja, têm uma posição mais frágil no mercado, manifestando-se no aumento do desemprego, na inserção precária no mercado de trabalho e na dificuldade em aceder ao mercado (Kovács, 2013).

Na mesma linha de reflexão, Kovács (2013) afirma que com o agravamento da crise económica, financeira, social e política gerada pelas políticas neo-liberais, assiste-se ao aumento do desemprego e das desigualdades entre os jovens no que se refere aos processos de transição. Considera ainda a mesma autora que a origem social e o nível de escolaridade condicionam fortemente os percursos de trabalho sendo a base para a acumulação de vantagens e desvantagens. As vantagens começam pela elevada posição da família na estrutura social, havendo uma relação entre as trajectórias referentes à esfera do trabalho e à origem social.

A inserção profissional dos jovens no mercado de trabalho “é marcada por processos de precarização e insegurança laboral, ocorrendo, de forma crescente, sob domínio dos regimes informais ou semi-informais, sendo este dado transversal a quase todos os níveis socioqualificacionais, não obstante as suas especificidades” (Guerreiro et al., 2007:250).

Na transição para o mercado de trabalho, além das competências profissionais, importa desenvolver competências pessoais e sociais, tais como a capacidade de comunicação,

organização e gestão do tempo, trabalho em equipa, gestão de conflitos e de stress, entre outras, perspectivadas como essenciais em contextos altamente competitivos (Seco et al., 2009).

As competências pessoais de nível médio ou elevado irão permitir uma maior flexibilidade e adaptabilidade, além de facilitarem o desenvolvimento dos projectos de vida legitimando uma atitude mais dinâmica, com valorização da formação pessoal e da gestão da própria carreira (Cabral-Cardoso et al., 2006).

A promoção de novas competências transversais conduz a uma melhoria de desempenho académico e social, mas também profissional, com reflexos positivos na percepção da qualidade de vida em geral (Jardim et al., 2006).

Segundo Marques (2009) o indivíduo deve possuir capacidades flexíveis e adaptáveis, qualidades pessoais como autonomia, responsabilidade, adaptabilidade e envolvimento, as quais são competências que estreitam a articulação entre escola e mercado de trabalho, promovendo a sua empregabilidade (Almeida, 2007).

Para Almeida (2007) a generalização de políticas de formação profissional voltadas para o desenvolvimento de competências específicas e transversais e a adopção de formas de organização do trabalho mais enriquecedoras, poderá ser a forma adequada ao reforço da empregabilidade.

Por outro lado, Cunha et al., (2004) vão mais longe perspectivando as competências relevantes em contexto profissional com base em quatro dimensões: motivação profissional, competências sociais, competências centradas nas tarefas e estrutura psicológica individual.

Centeno (2002) considera dois aspectos que influenciam o acesso ao mercado de trabalho: por um lado, a individualização dos percursos profissionais, resultante da flexibilização dos processos produtivos que apostam nas capacidades de adaptação e criatividade do trabalhador em detrimento de competências profissionais específicas, por outro, a dualização do mercado de trabalho, onde existe um pequeno grupo que mantém uma relação estável com a entidade empregadora, e um grande grupo, onde os percursos são de grande mobilidade e precariedade contratual.

Para Kovács (2002:82) “por empregabilidade entende-se a oportunidade e a capacidade das pessoas adquirirem competências que lhes permitam encontrar, manter e enriquecer a sua actividade e mudar de emprego”.

No momento em que se procura um emprego, para além dos conhecimentos adquiridos, há a percepção de que as notas obtidas têm pouco valor no mercado de trabalho face às competências que ainda se tem a desenvolver. De igual modo, “sabe-se que persistem flagrantes assimetrias quanto às oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao mercado de trabalho que urge corrigir” (Marques:2009:90).

Como referido por Pais (cit in Guerreiro & Abrantes, 2007:21), “a inserção dos jovens na vida activa tende, pois, a passar de trajectos lineares (da escola para o trabalho) para “trajectórias yô-yô”, alternando entre períodos de desemprego, emprego precário e formação”.

1.3 – As alterações do mercado de trabalho e a crescente precarização das relações de trabalho

Foi a partir da revolução industrial (séc. XVIII) que o trabalho começou a ficar mais estruturado. Segundo Méda (1999:145), “o trabalho não apareceu como um fim, visado por si próprio por indivíduos que procuravam realizar-se, tanto nos discursos como na realidade, mas foi desde a origem um meio, para a nação de aumentar as riquezas produzidas, para o indivíduo de adquirir um rendimento, para a classe capitalista de fazer lucros”.

Com estas transformações, surgiu o trabalho assalariado que Méda (1999:149) considera que “consiste na troca de uma prestação contra um salário, sendo a troca objecto de um contrato”. Ainda de acordo com a mesma autora, a maior característica do trabalho assalariado e o que diferencia do trabalho independente “é o laço de subordinação que existe entre o assalariado e o seu empregador”.

Como referido anteriormente, as alterações ocorridas deram origem ao surgimento de novas formas de organização do trabalho, as quais, ao longo dos tempos, se foram ajustando às alterações socioeconómicas, progredindo do trabalho artesanal para o trabalho industrial (Méda, 1999).

Kovács (2002:81) salienta que o mercado de trabalho é caracterizado pela sua turbulência, manifestando-se, entre outros aspectos, “na coexistência de tendências diversas e até contraditórias, tais como a emergência de novas competências ligadas às transformações técnico-organizativas, mudanças quantitativas e qualitativas na procura de qualificações, rápida obsolescência dos conhecimentos adquiridos, o aumento do desemprego, a difusão de formas atípicas de formas precárias de emprego”.

De acordo com Kovács e Lopes (2012), não há consenso sobre as mudanças que têm vindo a ocorrer no emprego nas últimas décadas. Confrontam-se perspectivas diferentes, nomeadamente a perspectiva tecno-liberal dominante e a perspectiva crítica.

Segundo as ideias dominantes, as mudanças são originadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e pelas regras e instituições do mercado. Nesta óptica, as (TIC) e a globalização ditam uma evolução universal em direcção a uma sociedade de informação regulada pelo mercado.

Contrariamente a esta visão optimista baseada no mito das (TIC), e do mercado livre, que conduz a elevados custos sociais, ambientais e humanos. “As praticas inspiradas na ideologia dominante do mercado livre acarretam o agravamento das desigualdades sociais, desemprego maciço, precarização do emprego, degradação das condições de trabalho e o alastramento da insegurança” (Kovács e Lopes, 2012:52).

Na perspectiva crítica, a globalização na lógica da concorrência selvagem leva a um estado generalizado e permanente de insegurança que sobrecarrega a vida dos indivíduos com um grau de incerteza e ansiedade sem precedentes e tira-lhes a esperança no futuro (Bourdieu, 1998; Bauman, 2001).

Segundo Kovács (2002:21), a crescente globalização da economia que se tem verificado nos últimos anos, está a levar ao desaparecimento de um fundamento básico do Estado-Nação – o mercado nacional, que “está a ser substituído, enquanto ponto económico estratégico, pelo emergente espaço global” onde os acontecimentos, decisões e actividades realizadas numa parte do mundo produzem consequências significativas para indivíduos e comunidades situadas em outras regiões do globo.

Os bons empregos são escassos e o aumento das oportunidades para todos não passa de uma ilusão da perspectiva tecno-liberal. A possibilidade de desenvolvimento de competências e, por conseguinte, as perspectivas de empregabilidade e de vida são muito diferenciadas de acordo com as situações face ao emprego, cujas variáveis centrais são os níveis de formação /qualificação exigidos e o grau de estabilidade do emprego (Kovács, 2002).

Assim, a globalização produz efeitos em todas as áreas da sociedade, com particular incidência na comunicação, comércio internacional e liberdade de circulação de pessoas, bens e serviços. Os efeitos sentidos estão contudo dependentes da intensidade do nível de desenvolvimento e integração dos diferentes países, sendo um processo que afecta todos os agentes económicos.

Vários são os factores impulsionadores da globalização. Kovács (2002) define três factores como sendo os que mais potenciam esse processo: a liberalização, a privatização e a desregulamentação.

- 1- A liberalização dos mercados nacionais é a melhor garantia para o crescimento da economia mundial, uma vez que, “a liberalização dos fluxos de capitais ocorrida desde os anos de 1980 aliada à inovação tecnológica nas telecomunicações e nas aplicações informáticas, permitindo a deslocação de somas astronómicas de capitais, tem sido considerada como o centro nevrálgico da globalização” (Kovács, 2002:21).
- 2- A privatização, segundo fator considerado, seja de forma parcial ou completa de sectores da economia, vai possibilitar uma mais adequada afectação dos meios existentes, possibilitando que produtores e consumidores vejam os seus interesses satisfeitos. “O investimento privado

é considerado como o melhor mecanismo para mobilizar os recursos de acordo com as exigências do mercado” (Kovács, 2002:22).

- 3- O terceiro factor apontado como potenciador da globalização é a desregulamentação. Como refere a autora, “A redução da participação directa do Estado por via da regulamentação nas actividades económicas, bem como a intervenção indirecta do Estado por via da regulamentação da actividade económica tendem a ser entendidas como prejudiciais ao dinamismo económico que apenas pode ser garantido pelas forças do mercado” (Grupo de Lisboa, cit in Kovács, 2002:22).

Pode-se então colocar a questão de saber se efectivamente a globalização ocorre tendo em consideração a igualdade na divisão dos seus benefícios entre os diversos países e também entre as pessoas. Por conseguinte, atendendo a todas as alterações existentes no contexto internacional, e à entrada de novas tecnologias em todas as áreas produtivas, verifica-se a necessidade, no imediato, de um esforço acrescido por parte das organizações na adopção de medidas por forma a ajustarem-se às atuais necessidades do mercado.

No mundo em que estamos inseridos, a globalização, a abertura dos mercados e as novas tecnologias (TIC) são factores a ter em conta e que em muito influenciam o comportamento dos agentes económicos. Nesse caso, as organizações são obrigadas a movimentarem-se num ambiente onde existe uma concorrência cada vez maior. Assim, é preponderante possuírem uma maior e melhor quantidade de informação para servirem de base à tomada de decisão.

Resultado de todas as mutações sofridas, principalmente nas duas últimas décadas, o mundo do trabalho sofre uma acentuada mudança nas regras de funcionamento. As regras aparecem assim como algumas das causas prováveis da necessidade das organizações se reestruturarem. As transformações levam as organizações a realizarem um forte investimento por forma a que possam sobreviver e manter-se competitivas implicando, inevitavelmente, o recurso a mão-de-obra cada vez mais qualificada e com mais competências. No entanto, em Portugal tem-se vindo sistematicamente a verificar que as empresas têm efectuado a adaptação às novas realidades por via, principalmente, dos baixos salários e do recurso aos despedimentos (Kovács, 2002).

Aliás, como refere Kovács (2002:27), “(...) a tecnologia não é neutra em relação à crise no emprego, ela pode contribuir para reduzir ou aumentá-la, segundo o modo como os actores do sistema socioeconómico quererão avaliá-la e aplicá-la”.

Na verdade, não existe consenso relativamente às implicações que as tecnologias têm no emprego. Do ponto de vista dos defensores das teorias da sociedade de informação, “há uma transformação radical do trabalho, do emprego no sentido positivo (...) outros, e em número crescente ultimamente, pelo contrário, ignorando as potencialidades, sublinham as consequências

negativas da utilização das TIC. Uma das consequências negativas apontada é a redução do papel do ser humano na economia e a do desemprego massivo” (Kovács, 2002:27).

Observando que os mercados globais originam uma pressão acrescida sobre os empresários no sentido de reduzirem os custos do trabalho como consequência da concorrência verificada, Kovács (2002:27) considera que “(...) mesmo se houver aumento da procura, não se criarão mais empregos, porque as (TIC) permitem aumentar a produtividade, isto é, aumentar o volume da produção com o mesmo ou um número mais reduzido de trabalhadores”.

Acresce ainda, para a mesma autora, que a grande divulgação destas tecnologias vai originar uma “(...) redução drástica do emprego e a formação de uma elite profissional, lançando a maioria da população no desemprego e/ou na situação de emprego precário” (Kovács, 2002:27).

Assim, a existência de um mercado cada vez mais competitivo, leva a que as entidades empregadoras recorram muitas vezes a vários tipos de contratação, a que chamamos de trabalho precário ou trabalho não convencional para fazerem face às necessidades conjunturais de mão-de-obra.

Para Vaz (1997:7) “o trabalho não convencional ou atípico é uma categoria variada e heterogénia. Caracteriza-se por três tipos de grupos: o emprego a tempo parcial, os empregos temporários e os trabalhadores por conta própria”.

Os diversos estudos críticos que abordam a transformação do mercado de trabalho das últimas décadas, e as suas implicações no emprego, apontam para o aumento do desemprego, da precariedade e da insegurança no emprego, com uma grande incidência nos jovens (...) e nas pessoas com menos qualificações” (Kovács e Lopes, 2002:67).

1.4 - O desemprego jovem e as políticas públicas de emprego

Na conjuntura actual o mercado de trabalho caracteriza-se por um aumento do desemprego, sendo que vários estudos (Oliveira et al., 2011; Kovács, 2013) indicam que os jovens são as principais vítimas do desemprego, dada a sua posição de maior fragilidade no mercado de trabalho. As taxas de desemprego jovem tendem a piorar com o agravamento da crise económica e financeira, limitando assim as condições de vida e as oportunidades socio-profissionais dos jovens.

De acordo com Gonçalves (2012:14), “os jovens são duplamente penalizados”, especialmente os que se encontram com um vínculo precário porque são os primeiros a ser despedidos numa situação de redução de pessoal e numa situação de contracção ou de estagnação do emprego são os que mais dificuldades encontram na sua inserção ou reinserção profissional.

O desemprego corresponde a um fenómeno social e económico resultante do desequilíbrio entre a procura e a oferta de mão-de-obra (Alves 2008). A mesma autora defende que existem duas teorias que explicam o fenómeno do desemprego jovem: por um lado, a teoria do ciclo, que considera que o desemprego juvenil é influenciado pelos diferentes ciclos económicos “(...) a partir do momento que se inicie um período de relançamento da economia, os jovens voltarão a ser recrutados, restaurando-se um equilíbrio “aceitável” entre emprego e desemprego (Ashton et al., 1990, cit in Alves, 2008:117). Por outro lado, a teoria estrutural, que vem contrariar a teoria mencionada anteriormente. Desta forma, considera que a “(...) reestruturação económica e o aumento das qualificações requeridas conduziram a uma diminuição de oportunidades (...) e (...) as alterações registadas nos processos produtivos, decorrentes da modernização tecnológica implicaram mudanças profundas na estrutura de qualificações cujos maiores efeitos se fizeram sentir sobre os jovens com baixos níveis de qualificação escolar e profissional” (Alves, 2008:117).

A teoria estrutural considera que, verificando-se ou não períodos de retoma económica, este tipo de desemprego provém de um desajustamento entre a oferta e a procura. Esta situação poderá afectar qualquer trabalhador, independentemente das suas habilitações e carreira profissional (Alves, 2008).

Para Méda (1999:26) numa situação de desemprego as pessoas perdem o seu poder económico, toda a sua rotina de trabalho, as relações sociais, dado que “o trabalho permite a integração social e constitui uma das formas maiores do laço social”.

O trabalho é um factor de integração assim como uma forma de aprendizagem da vida em sociedade contendo uma dimensão de sociabilidade. Como refere Méda (1999: 26), “a ideia de laço social baseia-se na reciprocidade, de contrato social e de utilidade social: prestando a minha contribuição, desenvolvo o meu sentimento de pertença à sociedade, estou ligado a ela, porque preciso dela e porque lhe sou útil”.

De acordo com Alves (2008), para responder a esta problemática da “inserção profissional” cabe ao Estado implementar medidas de actuação através de políticas públicas, visando minimizar os obstáculos com que os jovens se deparam ao iniciarem o seu percurso no mercado de trabalho.

As políticas sociais têm como objectivo erradicar potenciais desvantagens em algumas categorias da população, provenientes do desenvolvimento socioeconómico do país (Centeno et al., 2000:147). Castel afirma que é necessário utilizar “como metodologia de resolução do problema, a inserção através da reconstrução dos laços sociais” (cit in Centeno et al., 2000:50).

Hespanha (2001) afirma que em todos os países industrializados se tem assistido a uma profunda crise nos sistemas de emprego, resultantes da globalização, da reestruturação industrial, do envelhecimento da população e os encargos cada vez maiores com os sistemas de protecção social. As consequências destes processos têm maior impacto nas economias industrializadas, evidenciando formas de flexibilização dos mercados de trabalho e dos regimes laborais,

traduzindo-se em elevadas taxas de desemprego e de precarização do emprego. Esta estrutura de emprego, que é cada vez mais precário, dá origem a fenómenos de polarização entre os indivíduos que possuem um emprego estável e os indivíduos que só conseguem empregos precários.

Ainda para o mesmo autor o agravamento do risco social na contemporaneidade deve equacionar-se com a tensão criada pelo eclodir de novos factores de ambiguidade e imprevisibilidade que reduzem a capacidade de resposta no quadro dos sistemas institucionais

O modo de funcionamento dos mercados de trabalho e o aumento das situações de exclusão social é reforçada por Centeno (2000:57) quando afirma que “emprego e desemprego, actividade e inactividade, formação e aplicação de competências, parecem constituir momentos que se alternam nos percursos profissionais de forma inevitável”, podendo assim vir a existir um risco social.

Para Caeiro (2008), a questão da flexigurança como modelo socioeconómico, pelo qual os mercados de trabalho poderão flexibilizar a sua acção e o seu relacionamento com os trabalhadores, ainda que eventualmente garantindo uma maior segurança no desemprego e em outras matérias sociais, é uma opção que se coloca aos Governos Europeus, com o objectivo de reduzir os défices e a despesas pública, ainda que mereçam forte contestação popular.

Segundo Bilhim (2000), as políticas públicas de emprego visam enfrentar, as dificuldades conjunturais dos países em matéria de emprego e desemprego, os constrangimentos de natureza estrutural condicionando o desenvolvimento do sistema de emprego e, nesse sentido, o posicionamento dos indivíduos nos mercados de trabalho.

Para Moura (1997), os responsáveis pelas políticas de emprego terão que enfrentar quatro desafios fundamentais;

- 1- Conseguir que os responsáveis pelas políticas económicas actuem de forma a influenciar favoravelmente as políticas de emprego,
- 2 - Melhorar as qualificações e as competências dos recursos humanos, o que exigirá modificar profundamente os sistemas de ensino e formação,
- 3 - Como recomenda a OCDE reforçar a eficácia das políticas de emprego,
- 4 - E o último desafio consiste na progressiva e constante identificação de indicadores que permitam de forma fiável avaliar o investimento em capital humano.

O factor determinante de inclusão ou exclusão social é o modo como o mercado de trabalho se desenvolve e as próprias políticas de emprego se afirmam. No entanto, e como refere Moller

(2000), para aqueles que possuem menos recursos económicos, simbólicos, culturais, familiares, relacionais, entre outros, o caminho pode ser o da exclusão do subsistema onde se inserem.

Por sua vez, Freire (2000) considera que para enfrentar os problemas conjunturais do mercado de trabalho, em Portugal, é necessário dar resposta a três desafios; promover a criação de emprego, prevenir e combater o desemprego; gerir de forma preventiva e precoce, intervindo numa lógica de proximidade, os processos de reestruturação e deslocalização empresarial que têm marcado o país; e promover a flexibilidade com segurança no emprego, assegurando que as desigualdades e dinâmicas de segmentação do mercado de trabalho não se acentuam de modo insustentável.

Marques (2009) realça as relações entre a formação e o mercado de trabalho, tendo as políticas públicas como um dos seus objectivos o de actuar sobre o sistema educativo para ampliar e melhorar as oportunidades de educação profissional regulada, no ensino secundário, pós-secundário e superior, de forma a melhorar a empregabilidade.

O ensino profissional é também encarado como uma alternativa ao processo educacional tradicional, para não abandonar o sistema de ensino (Guerreiro & Abrantes, 2007: 65).

Capítulo II – Objectivos e metodologia

Neste segundo capítulo procuramos explicitar os objectivos do nosso estudo bem como as opções metodológicas que o suportam. Deste modo, para além da identificação do objectivo geral e dos objectivos específicos do estudo, enunciamos os pressupostos metodológicos de que partimos bem como as técnicas de recolha e de análise de dados utilizadas.

2.1 - Objectivos do Estudo

Este trabalho de investigação tem na sua base a seguinte pergunta de partida: “Como se caracterizam as trajectórias de inserção no mercado de trabalho dos jovens com o ensino secundário?”. Esta questão surgiu com a vontade que se tornou o objectivo principal do estudo de identificar e caracterizar os factores que influenciam a transição dos jovens para o mercado de trabalho tendo em conta um contexto territorial específico que é o concelho do Montijo.

A prossecução do objectivo enunciado implica que tenhamos em conta um conjunto de objectivos específicos que considerados de forma integrada nos permitirão responder à nossa pergunta de partida pelo que consideramos os seguintes objectivos específicos:

- Caracterização do desemprego juvenil no concelho de Montijo;
- Caracterização sociográfica dos jovens entrevistados;
- Caracterização da trajectória escolar dos jovens;
- Caracterização da trajectória profissional dos jovens;
- Caracterização das estratégias futuras face ao mercado de trabalho.

2.2 – Metodologia de investigação

Madeleine Grawitz (cit in Carmo e Ferreira 2008:193) refere várias definições de métodos. A autora define métodos como “um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objectivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um conjunto de normas que permitem seleccionar e coordenar as técnicas”. Os

métodos de investigação podem ser abstractos ou concretos, precisos ou vagos, com uma determinada finalidade.

Já no que diz respeito às técnicas de investigação Grawitz (cit in Carmo e Ferreira 2008:193) define-as como “procedimentos operatórios rigorosos, bem definidos, transmissíveis e susceptíveis de serem novamente aplicados nas mesmas condições, adaptados ao tipo de problema e aos fenómenos em causa”, assim a sua escolha “depende do objectivo que se quer atingir, o qual, por sua vez, está ligado ao método de trabalho”.

Agora que já apresentamos a definição de métodos e técnicas de investigação segundo Madeleine Grawitz, partimos para a escolha e apresentação da metodologia de investigação traçada de forma à obtenção dos dados que irão permitir desenvolver o estudo.

Em termos metodológicos vamos optar por responder à pergunta de partida através da pesquisa exploratória recorrendo ao estudo de caso. Esta metodologia compreende várias definições que são defendidas por diferentes autores.

Numa visão mais ampla, o estudo de caso é considerado uma metodologia mais aprofundada, procurando obter informações sobre temas relativamente a determinados aspectos e às suas inter-relações.

Para Yin (2010:39) o estudo de caso consiste numa “investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo em profundidade e em contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes”.

Na perspectiva deste autor (Yin, 2010:24), “o método de estudo de caso permite que os investigadores retenham características holísticas e significativas dos eventos da vida real” em que questões “Como” e “Porquê” são utilizadas neste tipo de pesquisa, quando o investigador tem pouco controle sobre os acontecimentos, facilitando a compreensão dos fenómenos sociais pela análise do contexto situacional.

Para Stake (2012:24) o estudo de caso tem como objectivo particularizar e não generalizar, ou seja, “pegamos num caso particular e ficamos a conhecê-lo bem (...) pelo que é, pelo que faz. A ênfase é colocada na singularidade e isso implica o conhecimento de outros casos diferentes, mas a primeira ênfase é posta na compreensão do próprio caso”, defendendo ainda que os investigadores privilegiam a compreensão das inter-relações entre tudo o que existe no contexto observado.

Neste tipo de investigação os “investigadores aprendem o que está a acontecer em episódios chave ou testemunhos, representam os acontecimentos com a sua própria interpretação directa e

histórias (...), para otimizar a oportunidade de o leitor obter uma compreensão experiencial do caso” (Stake, 2012:24).

Podemos dizer que nesta metodologia o investigador é peça fundamental no processo de investigação, pois apesar de não ter controlo de todas as variáveis tenta compreender e interpretar a complexidade do caso em estudo, produzindo novos conhecimentos para a problemática em causa.

Fortin (2009:31) refere que “as investigações qualitativas fazem parte do paradigma naturalista e que cada realidade é baseada nas percepções dos indivíduos e muda com o tempo. O conhecimento desta realidade não tem sentido senão para uma determinada situação ou para um contexto particular”. Logo, as crenças ligadas à investigação diferem de pessoa para pessoa em função da sua experiência de vida.

Como o objectivo principal do estudo é identificar os factores que influenciam a transição dos jovens para o mercado de trabalho no concelho de Montijo, e pretendemos caracterizar as trajetórias escolares e profissionais assim como as estratégias futuras face ao mercado, vamos optar por utilizar uma metodologia qualitativa como atrás mencionámos, já que a mesma nos vai possibilitar uma observação naturalista, subjectiva e explorará o discurso dos entrevistados com maior rigor, como nos refere Fortin (2009).

Para este autor, existem três tipos de investigação qualitativa: a fenomenologia, a etnografia e a teoria fundamentada. A fenomenologia estuda a significação de experiências particulares tais como são vividas e descritas pelas pessoas. A investigação etnográfica procura compreender os modos de vida das populações pertencentes a diferentes culturas. Quanto à teoria fundamentada, ela visa descrever problemas presentes em contextos sociais particulares e a forma como as pessoas os enfrentam.

Na opinião de Guerra (2006:43), as características da análise qualitativa não facilitam uma descrição do universo de análise, porque a pesquisa qualitativa é muito maleável, o objecto evolui e a amostra pode alterar-se ao longo do tempo, “assim é quase impossível definir uma amostra para as análises qualitativas, dada a diversidade de objectos e métodos “.

Segundo Bardin (2011:141) “a análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo na elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais”. Trata-se de obter inferências analíticas e não estatísticas como nos refere Stake (2012).

Já Godoy (1995) identifica como principais características de uma pesquisa qualitativa as seguintes: o ambiente como fonte directa dos dados e o pesquisador como instrumento chave;

possui carácter descritivo; não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos e tem enfoque indutivo.

Também para Guerra (2006) o método qualitativo procura através das metodologias compreensivas um contexto de descoberta como ponto de partida de uma investigação, associando-o a uma abordagem indutiva.

O método indutivo permite-nos fazer a correspondência entre a observação e a realidade, para além disso parte de questões particulares para chegar a conclusões gerais. Como o público irá ser observado pelo investigador, é um grupo específico de pessoas, a entrevista é a técnica de investigação qualitativa que melhor se ajusta a este tipo estudo (Guerra, 2006).

A investigação qualitativa pode ser definida como um estudo que identifica e analisa em profundidade dados de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico. É um método indutivo para entender como o indivíduo age, pensa ou sente.

Os diversos métodos qualitativos podem ser aplicados de acordo com o problema de pesquisa e são usados dentro de uma perspectiva exploratória para definir o problema, gerar hipóteses, identificar variáveis importantes no contexto de um determinado problema.

A característica mais distintiva da investigação qualitativa é a sua ênfase na interpretação. De acordo com Guerra (2006:17) “considera-se que os sujeitos interpretam as situações, concebem estratégias e mobilizam os recursos e agem em função dessas interpretações”. Fortin (2009:27) reforça a ideia de que “a investigação qualitativa tem por objectivo a compreensão alargada dos fenómenos”.

Para Carmo e Ferreira (2008) o investigador é o “instrumento” de recolha de dados, adoptando uma postura objectiva durante a recolha desses mesmos dados, a validade e a fiabilidade dos dados dependem muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência. A questão da objectividade do investigador constitui o principal problema, afirmando que a observação, a entrevista e a análise documental são as técnicas mais utilizadas.

2.3 - Técnicas de Recolha de Dados

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003:191), “nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interacção humana”. O investigador consegue desta forma retirar das entrevistas os elementos de reflexão e informações fulcrais para o estudo, neste contexto, é possível recolher os testemunhos, interpretações e percepções dos entrevistados.

Estes autores falam-nos em dois tipos de entrevista: a entrevista semidirectiva e a entrevista centrada. A semidirectiva ou semidirigida “dispõe de uma série de perguntas guias, relativamente abertas, mas não colocando necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista”. Relativamente à entrevista centrada, “o entrevistador não dispõe de perguntas preestabelecidas, mas sim de uma lista de tópicos precisos relativamente ao tema estudado” (Quivy e Campenhoudt, 2003:193).

O investigador recolhe documentos por duas razões diferentes, tenciona estudá-los pelo seu valor próprio ou espera encontrar neles informações úteis para estudar outro objecto. As duas variantes mais frequentemente utilizadas são (Quivy e Campenhoudt, 2003:202): “a recolha de dados estatísticos e a recolha de documentos de forma textual provenientes de instituições e de organismos públicos e privados ou por particulares”.

De acordo com Bardin (2011:47), “a análise documental pode ser definida como uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento, sob uma forma diferente da original a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e diferenciação”.

No nosso estudo a recolha de dados irá ser realizada através de entrevistas individuais semidirectivas e pesquisa documental. As entrevistas individuais possibilitam alcançar uma variedade de impressões e percepções que os indivíduos possuem em relação às variáveis em estudo. A opção desta técnica visa proporcionar um melhor entendimento e captação da perspectiva dos entrevistados. Caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que serve de orientação ao desenvolvimento da entrevista. Há medida que a entrevista se vai desenvolvendo, esta vai-se adaptando ao entrevistado, mantendo um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões colocadas.

As entrevistas visam conhecer as percepções dos indivíduos quanto ao mercado de trabalho, não tendo o objectivo de induzir nem limitar as respostas, deixando-os expressar o verdadeiro significado da sua opinião tendo em conta os objectivos da investigação. Estas entrevistas serão feitas a partir de um conjunto de questões abertas.

O guião de entrevista aos jovens foi construído tendo em conta 4 categorias analíticas (Apêndice 1): 1) dados sociográficos; 2) trajectória escolar; 3) trajectória profissional; 4) estratégias futuras face ao mercado de trabalho.

Para determinar a amostra do estudo tivemos em atenção os principais objectivos da investigação. O objecto empírico são jovens provenientes de diversas zonas do Concelho do Montijo que tenham idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos, de ambos os sexos, inseridos ou não no mercado de trabalho, com o 12.º ano de escolaridade, completo ou não, pois jovens com menos qualificações tendencialmente têm mais dificuldade em arranjar emprego (Kovács, 2013).

Na perspectiva de Guerra (2006:48), a qual procuramos ter em conta, para se definir quem entrevistar, dentro da amostra “não se procura a representatividade estatística, nem as regularidades, mas antes uma representatividade social e a diversidade dos fenómenos”. Contudo, torna-se necessário que os entrevistados foquem as suas percepções da realidade através da experiência vivida.

Depois da recolha de dados a fase seguinte prende-se com a análise e interpretação desses dados, estando estas fases intrinsecamente ligadas.

2.4 - Técnicas de tratamento de dados

No intuito de analisar os dados qualitativos, podemos recorrer à análise de conteúdo que para Bardin (2011:44) “é um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens”.

Ainda para Bardin (2011:45), “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. Considera-se que a análise de conteúdo não deverá limitar-se unicamente à descrição, mas também a atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da inferência e interpretação. Esta constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão dos seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Para Quivy e Campenhoudt (2003:226), “os métodos de análise de conteúdo implicam a aplicação de processos técnicos precisos utilizando métodos construídos e estáveis que permite ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações”.

Já segundo Guerra (2006:62), “a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo”.

Na elaboração da estrutura de análise, deverá ter-se em conta, em primeiro lugar, a determinação de categorias de classificação, seguindo-se a escolha de unidades de análise. As categorias permitem a simplificação do material analisado, facilitando a sua compreensão. A sistematização

das informações recolhidas e a elaboração de inferências dependem da definição de categorias (Bardin, 2011).

A análise de conteúdo tem uma dupla função: compreender o sentido da comunicação e principalmente desviar o olhar para uma outra significação. Para o investigador, a questão não se coloca entre chegar a significados e aos significados directos, mas, em determinar novos significados para as variáveis inferidas que acabam por transcender o significado a priori. A técnica de análise de conteúdo desdobra-se em 3 fases: a pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise prende-se com a organização do material a ser analisado, com o objectivo de sistematizar as ideias iniciais, é a fase de organização propriamente dita, que possui três missões: “a escolha dos documentos a serem submetidos á análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 2011: 121).

Esta fase compreende a realização de quatro etapas: Leitura flutuante que é caracterizada pelo contacto com os documentos da recolha de dados, onde o pesquisador começa a conhecer os textos, entrevistas e as fontes a serem analisadas, que deverão obedecer às seguintes regras; Regra da Exaustividade que neste caso da entrevista, deverá ter-se em conta todos os elementos desse corpus, não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão; Regra da Representatividade onde os documentos seleccionados devem conter informações que representem o universo a ser pesquisado; Regra da Homogeneidade onde os documentos retidos devem ser homogéneos; Regra da Pertinência significa verificar se a fonte documental corresponde adequadamente ao objectivo da análise (Bardin, 2011).

A segunda etapa, exploração do material, é muito importante antes da análise propriamente dita. Esta engloba a definição de categorias e a codificação. Os dados são agrupados devido ao facto de terem características em comum. Esta etapa consiste na construção da codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registo, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. A codificação, é por sua vez, “o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Bardin, 2011:121). Nesta fase, o texto das entrevistas e todo o material recolhido é recortado em unidades de registo. Tomar-se-ão, como unidades de registo os parágrafos de cada entrevista assim como os textos de documentos. Assim, o texto das entrevistas é recortado em unidades de registo (palavras, frases, parágrafos) agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, a quais possibilitam as inferências. Esta é a fase de descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus submetido a um estudo aprofundado, orientado para as hipóteses e referenciais teóricos.

Por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação visam tornar os dados válidos e com significado. “Os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos” (Bardin, 2011:127). Esta fase consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material recolhido (entrevistas, documentos e observação). A análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes. Esta fase liga os resultados obtidos ao campo teórico permitindo avançar para conclusões que levem ao avanço da pesquisa. Sistematiza os resultados com os objectivos iniciais, buscando a construção de conhecimento científico sobre o objecto pesquisado.

Para a análise de conteúdo, e de acordo com o guião de entrevista aos jovens do concelho do Montijo foram consideradas 4 dimensões de análise (Apendice 2): 1) dados sociográficos; 2) trajectória escolar; 3) trajectória profissional; 4) estratégias futuras face ao mercado de trabalho.

2.5 - Caracterização da amostra

Este estudo tem como objecto empírico os jovens do concelho do Montijo com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos, inseridos ou não no mercado de trabalho, de ambos os sexos, com o ensino secundário completo ou incompleto que tenham terminado ou abandonado o seu percurso escolar há 2/3 anos. A amostra é um “subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população” (Gil, 1989:92). Para a obtenção da amostra de conveniência, recorreremos a amigos e conhecidos que nos indicaram indivíduos com as características acima referidas, pedimos também aos entrevistados que nos indicassem amigos que pudessemos também entrevistar (estratégia bola de neve). Ainda de referir que se verificou o critério de saturação da informação, que corresponde ao “fenómeno pelo qual, depois de um certo número de entrevistas, o investigador tem a noção de nada recolher de novo quanto ao objecto de pesquisa” (Guerra, 2006: 42).

Apresentamos no quadro que se segue uma breve caracterização da amostra no que respeita à distribuição por sexo, idade, escolaridade e situação profissional dos entrevistados.

Quadro 1 – Caracterização da amostra segundo sexo, idade, escolaridade e situação profissional

Entrevistados (Jovens)	Sexo	Idade (anos)	Escolaridade	Situação Profissional
E1	Masculino	24	12.º Incompleto	Desempregado
E2	Masculino	24	12.º Ano	Desempregado
E3	Masculino	24	12.º Ano	Desempregado
E4	Masculino	25	12.º Ano	Desempregado
E5	Feminino	20	12.º Ano	Desempregada
E6	Feminino	24	12.º Ano	Empregada
E7	Feminino	24	12.º Ano	Empregada
E8	Feminino	21	12.º Incompleto	Empregada

Fonte: Inquérito por entrevista

Para realizarmos as entrevistas foi agendado com cada um dos entrevistados uma data e local de acordo com a sua disponibilidade, tendo em atenção a criação de condições ambientais mais favoráveis à entrevista. Foi criado um ambiente descontraído para cada entrevista de forma a que os entrevistados se sentissem à vontade para explanar as suas ideias, no início de cada momento foi solicitada autorização para a sua gravação assegurando o seu anonimato substituindo os nomes dos intervenientes por nomes fictícios. As entrevistas tiveram uma duração que variou entre os 20 e os 45 minutos.

Concluídas as entrevistas realizaram-se as respectivas transcrições que se mostraram bastante exaustivas e prolongadas no tempo, o que nos ajudou a familiarizarmo-nos com a riqueza do seu conteúdo.

Capítulo III - Estudo Empírico

Neste terceiro capítulo pretende-se apresentar a análise dos resultados do estudo empírico. Iniciamos este capítulo com uma breve caracterização da evolução do desemprego juvenil, nível de instrução e evolução do emprego nos sectores e actividades económicas do concelho. De seguida apresentaremos as respostas dos jovens entrevistados assentes em 4 dimensões de análise: dados sociográficos; trajectórias escolares; trajectórias profissionais; estratégias futuras face ao mercado de trabalho.

3.1 – Breve caracterização do emprego no concelho do Montijo

Para a realização deste subcapítulo onde caracterizamos o emprego e a evolução sectorial no concelho do Montijo, tivemos como fontes de informação dados disponibilizados pelo IEFP – Estatísticas Mensais, INE, GEP – Gabinete de Estratégia e Planeamento (equipa multidisciplinar de estatística), dados da Câmara Municipal do Montijo, nomeadamente, Caracterização & Retracto Estatístico do Concelho do Montijo – Documento de Suporte a Candidaturas, agosto 2015 e PEDU_PAICD – Plano de Acção Integrado para as Comunidades Desfavorecidas, setembro 2015.

O concelho de Montijo localiza-se na margem sul do rio Tejo, pertence ao distrito de Setúbal e integra a AML (Área Metropolitana de Lisboa), bem como a Região de Lisboa e Vale do Tejo e Sub-região da Península de Setúbal.

O concelho possui uma área total 348,4 km², sendo constituído por 5 freguesias. Este território apresenta uma geografia distinta dos demais concelhos, é descontínuo, possuindo, duas áreas geográficas que o compõem, Oeste/Ocidental e Este/Oriental, geograficamente separados (25 km).

O território Oeste/Ocidental do concelho de Montijo, apresenta uma superfície de 56,7Km², é marginado pelo Estuário do Tejo (numa extensão de 22,7km) e confina com os concelhos de Alcochete, Moita e Palmela. Este território é constituído por 3 freguesias: União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro, União das Freguesias da Atalaia e Alto Estanqueiro/Jardia e Freguesia de Sarilhos Grandes. O território Este/ Oriental do concelho de Montijo, apresenta uma superfície de 291,7 Km², confina com os concelhos de Benavente, Coruche, Montemor-o-Novo, Vendas Novas e Palmela. Este território é constituído por 2 freguesias: Canha e União das Freguesias de Pegões.

A configuração deste território confere-lhe realidades distintas em múltiplos aspectos de desenvolvimento.

No caso do concelho de Montijo, entre 2001 e 2011, os dados registados ostentam uma evolução positiva da população residente de 39.682 em 2001, aumentou para 51.777 residentes em 2011, traduzindo-se numa variação positiva de 23,4%.

Efectivamente, a Ponte Vasco da Gama veio trazer ao Montijo uma dinâmica e um conjunto de acessibilidades, onde se pode acrescentar a A12 e A33, que colocaram o concelho numa posição privilegiada, tendo sido criadas condições para se constituir como um espaço estruturante da AML, tendo todas as infra-estruturas para atrair investimento.

No que diz respeito à evolução da população por grupos etários, entre 2001 e 2011, houve um aumento da população jovem (0-14 anos), de 15,3% para 17,1% em 2011. Nos restantes grupos etários durante este período de análise não houve alterações dignas de registo.

Um outro factor relevante para a caracterização do concelho é o nível de instrução da população residente no Montijo. Em 2011, sobressai a população residente com o 1º ciclo do Ensino Básico com 23,0%, seguindo-se o 3º ciclo do ensino básico representado por 20,3%. No caso do ensino superior é de apontar um aumento bastante expressivo, de 6,1% registado em 2001, aumentando para 14,9% em 2011.

Quanto, à taxa de analfabetismo esta era, em 2011, de 5,2%, esse valor foi em 2001 de 11,4%, pelo que os resultados apresentados demonstram uma evolução positiva no que respeita ao nível de instrução da população.

A distribuição da população activa pelos vários sectores de actividade económica, no ano de 2013, demonstra que o sector predominante no concelho é o terciário, registando 70,34 % dos indivíduos, seguindo-se o sector secundário com 20,43 % e por fim, o sector primário com 9,23 % dos indivíduos.

Relativamente à distribuição da população activa com menos de 25 anos pelos vários sectores de actividade, o sector terciário é de longe quem emprega mais jovens, 769 num total de 981, registando 78,39 % dos jovens, seguindo-se o sector primário com 11,31 % e por fim o sector secundário com 10,30 % dos jovens. De notar que o peso dos jovens empregados com menos de 25 anos face ao total de empregados no concelho do Montijo é de 8,7%.

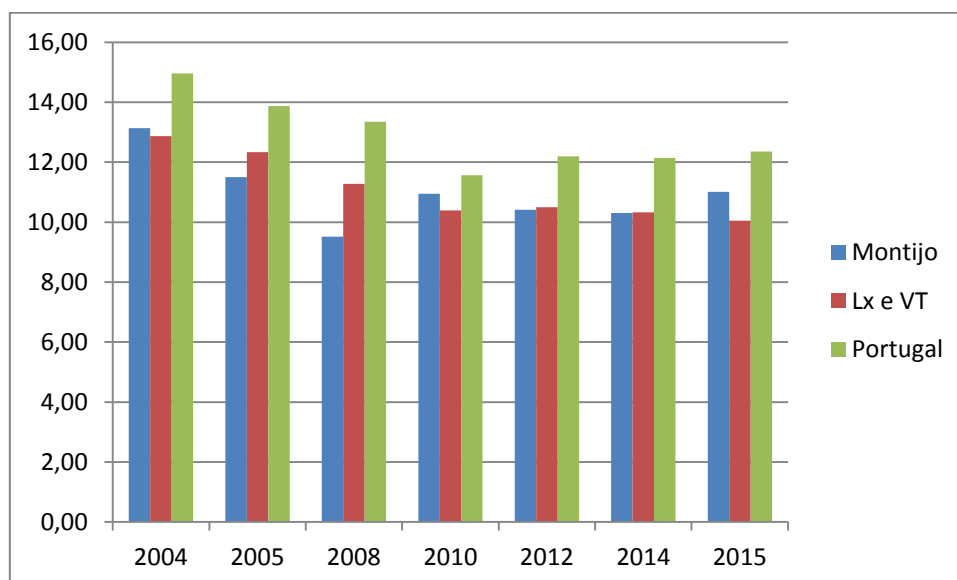
De realçar que a actividade económica com mais peso no emprego no sector terciário é o “Alojamento, restauração e similares” com cerca de 815 indivíduos dos quais 156 têm menos de 25 anos (19,1%).

No Montijo o sector primário está associado ao carácter agrícola de algumas freguesias, designadamente as que se localizam a este, onde predomina a produção vinícola. O sector secundário é marcado pela indústria transformadora, sendo as actividades com mais peso as indústrias metalúrgicas, de madeira e cortiça e do ramo alimentar.

O predomínio do sector terciário está relacionado com a modernização da indústria e com o desenvolvimento de numerosas actividades de apoio às empresas (banca, seguros, etc). O crescimento deste sector pode ainda estar associado ao forte desenvolvimento do turismo que ocorreu nos últimos anos.

Relativamente ao desemprego registado no Concelho do Montijo, de acordo com dados do IEFP, relativos a dezembro de 2015, o sexo masculino apresenta um peso no desemprego de 49,45.%, enquanto que o sexo feminino representa 50,55.%

Gráfico n.º 1 - Peso dos jovens desempregados com menos de 25 anos face ao total dos desempregados

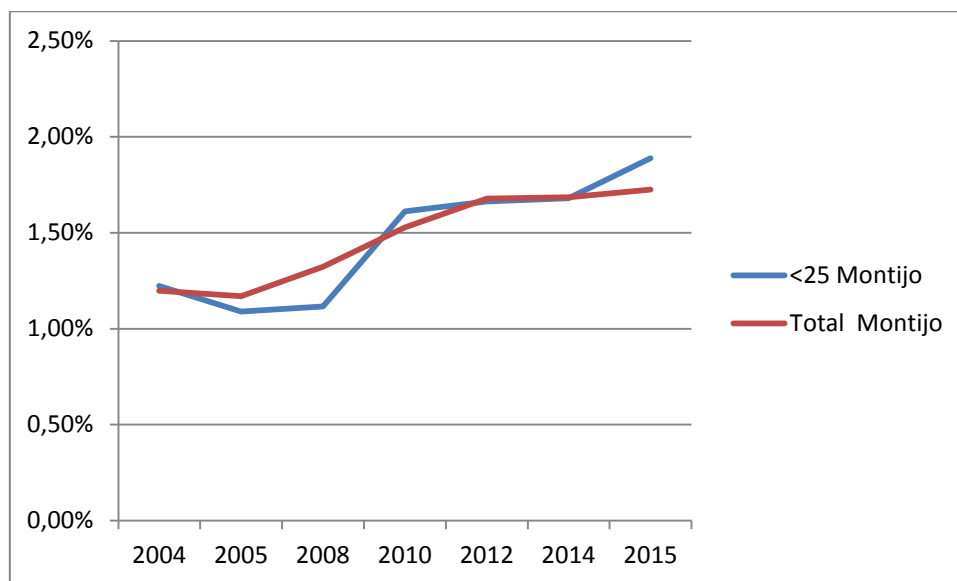


Fonte: IEFP

O peso dos jovens desempregados com menos de 25 anos face ao total dos desempregados inscritos no centro de emprego registado em 2004 em Portugal era de 14,96 %, este valor apresenta-se mais elevado comparado com o Lisboa e Vale do Tejo 12,87 % e o Concelho do Montijo 13,13 %.

Esse peso já em 2015 diminuiu para 12,35 % em Portugal, 10,05 % em Lisboa e Vale do Tejo e 11,01 % no Concelho do Montijo.

Gráfico n.º 2 - Peso dos jovens desempregados com menos de 25 anos e total de desempregados do concelho do Montijo face à região de Lisboa e Vale do Tejo



Fonte: IEFP

Observando o gráfico apresentado acima relativo ao peso dos jovens desempregados com menos de 25 anos e total de desempregados do Concelho de Montijo face à região de Lisboa e Vale do Tejo, podemos afirmar que o desemprego jovem no Concelho do Montijo tem vindo a aumentar desde 2005, e que aumentou mais em termos relativos entre os anos de 2008 e 2015.

O desemprego jovem (menos de 25 anos) no Concelho do Montijo, no final do ano de 2015, tem um peso de cerca de 11,01 no desemprego total do Concelho, estando inscritos no centro de emprego do Montijo 310 jovens, num total de 2815 desempregados.

3.2 – Caracterização sociográfica dos entrevistados

Para a caracterização sociográfica dos jovens entrevistados recorreremos à análise de conteúdo das entrevistas realizadas tendo em conta as seguintes variáveis: idade, sexo, estado civil, número de filhos, agregado familiar e escolaridade, que de seguida apresentamos num quadro síntese.

Quadro 2 – Caracterização sociográfica da amostra segundo idade, sexo, estado civil, número de filhos, se vive com os pais e escolaridade

Entrevistas (Jovens)	Sexo	Idade (anos)	Estado Civil	Filhos	Vive com os pais	Escolaridade
E1	M	24	Solteiro	Não	Sim	12.º Incompleto
E2	M	24	Solteiro	Não	Sim	12.º Ano
E3	M	24	Solteiro	Não	Sim	12.º Ano
E4	M	25	Solteiro	Não	Sim	12.º Ano
E5	F	20	Solteira	Não	Sim	12.º Ano
E6	F	24	Solteira	Não	Sim	12.º Ano
E7	F	24	Solteira	Não	Sim	12.º Ano
E8	F	21	Solteira	Não	Não	12.º Incompleto

Fonte: Inquérito por questionário

Realizamos 8 entrevistas das quais 4 a jovens do sexo masculino e outras 4 a jovens do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos.

Tratando-se de uma amostra constituída por jovens numa idade onde se começa a constituir família (adulterez), “conjugalidade” e “parentalidade”, procuramos caracterizar a amostra quanto ao estado civil. Verificou-se que os jovens entrevistados são todos solteiros, podendo ter alguma importância para a compreensão das suas trajetórias profissionais.

Considerando todos os entrevistados nenhum se apresenta com filhos, apesar da paternidade/maternidade fazer parte dos projectos futuros de alguns deles. Todos os entrevistados que tencionam ter filhos, quando questionados por que ainda os não têm invocam a falta de estabilidade profissional.

“Sim, pretendo ter. Quando tiver mais estabilidade” (E5, 20 anos).

“Sim, um dia, é um projecto de vida, neste momento não. Pensei nisso quando estive com alguém, mas realmente a nível de contrato, a nível de estabilidade profissional não foi possível concretizar esse projecto de vida, mas tenciono um dia ser mãe” (E6, 24 anos).

No que respeita à composição do agregado familiar verificou-se que grande parte dos entrevistados, ou seja 7 em 8, vivem com os pais ou pelo menos com um deles. A sua emancipação “residencial”, quando desejada, aparece como uma realidade hipotecada em face da situação de desemprego e dos baixos salários.

“Vivo com os meus pais, mas numa situação a curto prazo, porque estou a juntar dinheiro para sair de casa e ir viver com o meu namorado” (E7, 24 anos).

“Um emprego estável, construir a minha vida ter a minha casa...sustentar os vícios se os tiver...queria arranjar um trabalho e fazer a minha vida independente” (E4, 25 anos).

Tal como refere Alves (2008), também os nossos entrevistados parecem adiar a saída de casa dos pais em virtude do desemprego ou do emprego instável e precário, prolongando os sucessivos patamares que dão acesso à idade adulta.

Em relação, ao nível de escolaridade dos entrevistados, verifica-se que apenas 2 possuem o 12^o ano incompleto, os restantes têm a escolaridade completa de 12 anos. Comparando com os níveis de escolaridade dos seus pais, verifica-se que estes possuem menos escolaridade do que os filhos, à excepção de uma jovem cujo pai detém um curso superior.

3.3 – Caracterização das trajectórias escolares dos jovens

Para a nossa investigação é importante conhecer os percursos escolares dos jovens. Assim, desenvolvemos algumas questões que nos ajudaram a compreender esses percursos, nomeadamente: as dificuldades durante o percurso, a importância das competências adquiridas, as expectativas ao terminar/abandonar o percurso escolar.

Para mais fácil interpretação dos dados obtidos, tipificámos os percursos escolares que resultam do nosso estudo em (Costa e Lopes, 2012): percurso de sucesso e percurso de insucesso.

O percurso de sucesso está associado à conclusão linear do ensino secundário, que equivale ao nível III (ensino regular) ou IV (ensino profissionalizante) de qualificação, sem ter qualquer reprovação ou interrupção dos estudos ao longo desse processo.

O percurso de insucesso é aquele em que os jovens por qualquer razão não terminam com aproveitamento a sua escolaridade, não conseguem obter o nível III ou IV de qualificação, ou conseguem-no na sequência de reprovações ou de interrupções do percurso escolar.

Dos 8 entrevistados 2 não concluíram o 12.^o ano de escolaridade (E1; E8) e 3 apesar de terem concluído o 12.^o ano reprovaram durante esse percurso (E3; E6; E7) pelo que estamos perante 5 jovens entrevistados que apresentam um percurso que podemos designar de insucesso. Os 3 restantes entrevistados concluíram o 12.^o ano (E2; E4; E5) sem ter qualquer reprovação ou interrupção dos estudos ao longo desse processo (percurso de sucesso) sendo que 2 deles entretanto ingressaram no ensino superior.

Quadro 3 – Caracterização dos entrevistados segundo escolaridade, modalidade de formação, área de formação e reprovação/interrupção

Entrevistas (Jovens)	Escolaridade	Modalidade de Formação	Área de Formação	Reprovação / Interrupção
E1	12.º Incompleto	Ensino Profissional	Desporto	Sim
E2	12.º Ano	Ensino Profissional	Animação Socio Cultural	Não
E3	12.º Ano	Ensino Profissional	Informática de Gestão	Sim
E4	12.º Ano	Ensino Profissional	Informática de Gestão	Não
E5	12.º Ano	Ensino Regular	Ciências e Tecnologias	Não
E6	12.º Ano	Ensino Profissional	Tecnologias e Informática	Sim
E7	12.º Ano	Ensino Regular	Humanidades	Sim
E8	12.º Incompleto	Ensino Regular	Ciências e Tecnologias	Sim

Fonte: Inquérito por entrevista

Os 5 entrevistados com um percurso escolar de insucesso apresentam argumentos diferentes para explicar a sua vida escolar. Quando questionados sobre as maiores dificuldades/obstáculos que tiveram durante o seu percurso escolar afirmam:

“Fui para lá (mudança de escola a 250 kms de casa) e a escola não tinha nada a ver, e aí é que encarei a realidade de um curso que não é prático...então comecei a faltar às aulas, tive uns problemas, psicologicamente fui muito abaixo” (E1, 24 anos).

“O meu percurso escolar foi um bocado atribulado, não fiz os anos todos seguidos, chumbei...infelizmente por motivos de saúde” (E3, 24 anos).

“No 8º ano chumbei devido às companhias, andava com os alunos mais despassarados” (E7, 24 anos).

“Tive uns altos e baixos, devido ao divórcio dos meus pais, chumbei 2 anos” (E6, 24 anos).

“Deixei de ser a melhor aluna da turma, porque os meus pais se divorciaram, houve ali uma mudança muito grande na minha vida que influenciou os estudos...divórcio dos pais” (E8, 21 anos).

Dos discursos podemos concluir que as razões invocadas para explicar o insucesso escolar podem ser agrupadas em três categorias: as condições familiares em que o divórcio dos pais surge como elemento explicativo, as condições de saúde pessoal decorrentes de doença e as razões relacionadas com a escola em que a companhia de “alunos mais despassarados” e a mudança de escola surgem como os elementos justificativos do insucesso.

Relativamente à importância das competências adquiridas durante o percurso escolar todos os entrevistados consideram que estas são fundamentais para uma mais fácil integração no mercado de trabalho.

“Assim ficamos a saber como é a realidade, como são as coisas e a nível profissional...foi extremamente importante a parte prática” (E1, 24 anos).

“Tudo contribui de certa forma para ajudar a atingir os nossos objectivos futuros...” (E5, 20 anos).

“Foram muito importantes porque um curso profissional dá-nos sempre uma grande bagagem para a vida profissional” (E6, 24 anos).

Todos os jovens entrevistados, independentemente do seu percurso escolar e da modalidade de ensino frequentada (curso profissional ou não), afirmam que foram importantes as competências que adquiriram. Assim, podemos colocar a hipótese de que as competências adquiridas ao longo dos percursos escolares contribuíram para catapultar estes jovens para o mercado de trabalho de uma forma mais efectiva e confiante, dando-lhe bases fundamentais para se adaptarem nas suas vidas profissionais.

Os jovens quando confrontados com a questão sobre as expectativas pós conclusão / abandono do ensino secundário e o que mais os preocupava, são todos muito explícitos, tanto os que concluíram o 12º ano como os que não concluíram o 12º ano. Todos apresentam uma grande esperança no futuro próximo mas também algumas preocupações face à conjuntura actual do mercado de trabalho.

“Sempre tive expectativas altas, porque eu era muito bem-sucedido no meu curso, isso passava grande parte pelo meu trabalho” (E1, 24 anos).

“Criei umas expectativas altas...acreditei no que me diziam (curso com muitas saídas profissionais)(E4, 25 anos)”.

“Era arranjar emprego... o não arranjar emprego (a maior preocupação). O mercado de trabalho é muito difícil, tive receio de não arranjar emprego, portanto eu queria ser independente (E7, 24 anos)”.

Como podemos verificar, a preocupação dos jovens passava por uma maior independência económica que só se adquire estando a trabalhar de forma remunerada pelo que o acesso a um emprego se traduz na maior preocupação destes jovens.

3.4 - Caracterização das trajetórias profissionais dos jovens

Neste subcapítulo quisemos perceber os percursos profissionais dos jovens, como foram as suas primeiras experiências de emprego, as dificuldades na sua procura, assim como os principais aspectos que influenciaram a obtenção de emprego. Quisemos saber também se durante esses percursos usufruíram de algum tipo de apoio por parte do Estado (IEFP), quais os seus projectos profissionais para os próximos dois anos e por fim se se sentiam realizados profissionalmente.

No que diz respeito à procura do primeiro emprego após concluir/ abandonar os estudos e as dificuldades associadas a essa procura de emprego, as respostas dos jovens são bem esclarecedoras dos obstáculos com que se deparam quando confrontados com esse desafio.

Grande parte dos entrevistados assume que conseguiu obter o primeiro emprego através das suas redes de contactos (capital social), ou seja, recorrendo a familiares, colegas, amigos e conhecidos.

De acordo com Almeida (2007) existem três dimensões directamente ligadas à empregabilidade: factores individuais, circunstâncias pessoais e factores externos. Neste caso, os jovens quando se referem às suas redes de contactos como elo de ligação para acesso ao emprego estão a identificar uma variável das circunstâncias pessoais que resulta da existência de um capital social próprio.

Assim, quatro dos oito entrevistados afirmam ter conseguido esse primeiro emprego através das suas redes de contacto, como ilustram as transcrições que se seguem.

“Andei à procura de emprego na área de informática, enviei alguns cv’s mas não deu em nada. Entretanto tive amigos que me falaram no meu primeiro emprego, experimentei, arrisquei, fui lá, houve uma pessoa que lá estava que deu um toque e consegui entrar (E4, 25 anos)”.

“...foi complicado, andei à procura já tinha posto cv’s em vários sítios e ninguém me chamava para entrevistas... nunca tinha tido experiência profissional... ninguém sequer me chamava para alguma coisa... acabei por encontrar, até por uma questão de sorte, a minha tia conhecia a pessoa... se não fosse assim não conseguia o emprego (E5, 20 anos)”.

“Liguei a uma amiga minha que trabalhava já nessa altura e disse-lhe, “olha preciso de trabalhar”. Quatro dias depois dessa conversa comecei a trabalhar” (E8, 21 anos).

Quanto às dificuldades na procura de emprego, os jovens focam como principais problemas as baixas remunerações, o desconhecimento da profissão, o perfil desadequado, a falta de conhecimento técnico e de experiência profissional, a muita procura por parte de outros jovens e outros desempregados e a falta de preparação para as entrevistas profissionais.

“...Cheguei a fazer entrevistas de trabalho...quando falava com eles (candidatos) e lhes dizia a que empresa pertencia, não sabiam para o que iam” (E8, 21 anos).

“As entrevistas não têm corrido bem. Já aconteceu dizer que tenho um curso de informática e referirem que tenho habilitações a mais... há outras (entrevistas) que dizem que tenho habilitações a menos, precisamos de alguém com mais experiência. Querem 2/3 anos de experiência” (E4, 25 anos).

“Enviar cv’s e mais cv’s, são raras as empresas que chamam e dizem alguma coisa, é tanta gente a responder ao mesmo anúncio que é complicado” (E7, 24 anos).

Os jovens têm a percepção de que no contexto actual há mais procura que oferta de empregos, desta forma a dificuldade de colocação torna-se maior e mais complexa. É que, como referem Varejão e Dias (2012), ao aumento significativo da escolaridade média da população activa, associado a este fenómeno (mais procura que oferta) acresce uma maior exigência por parte das empresas no recrutamento, verificando-se essa tendência através dos requisitos exigidos ao candidato (ex: 2/3 anos de experiência, domínio de mais que uma língua estrangeira).

Quisemos também conhecer os projectos profissionais dos jovens no curto e médio prazo. As respostas dadas pelos jovens desempregados no momento da realização da entrevista (5 em 8), mostram a vontade de continuar a investir na sua formação a curto prazo, acreditando que poderão tirar partido de uma maior qualificação e especialização, face aquilo que são as exigências do mercado de trabalho. Por outro lado, os jovens que se encontram empregados demonstram vontade de manter o emprego actual e, se possível, progredir na carreira dentro da empresa, não deixando de considerar o objectivo de adquirir mais conhecimentos.

“Quero ver se termino a formação para me dar novas competências noutras áreas” (E4, 25 anos).

“Acabar o curso com boas notas e conseguir um emprego na minha área” (E5, 20 anos).

“Progredir na carreira na empresa onde estou. Ir para a faculdade através do programa + de 23 anos” (E7, 24 anos).

“Nos próximos 2 anos espero manter-me aqui “na empresa” com a função que tenho porque com sorte e espero eu estarei a estudar nessa altura” (E8, 21 anos).

No que diz respeito aos factores mais importantes para a obtenção de emprego no futuro, os jovens indicaram as redes de contactos como factor determinante para a sua obtenção tendo

também referenciado as empresas de trabalho temporário como uma forma de entrar no mercado de trabalho.

“É muito importante ter uma rede de contactos, porque no meu caso não conseguia, até soube de empresas que andavam à procura, punha cv’s, não me chamavam” (E5, 20 anos).

“Grande parte dos empregos foi trabalho temporário, o trabalho temporário não dá muito dinheiro” (E4, 25 anos).

“Tive um caso (de emprego) numa empresa de trabalho temporário de me chamarem 1 ou 2 dias, em situações de ausência de trabalhadores...precariedade” (E7, 24 anos).

Como mencionado na citação abaixo, existe também a percepção de que o percurso escolar tem importância na obtenção de emprego. Esta percepção vem dar força à ideia defendida por Kovacs (2013) quando afirma que o nível de escolaridade alcançado condiciona fortemente os percursos de trabalho e, neste caso, pode constituir a base para uma acumulação de vantagens.

“O meu percurso escolar...foi o mais importante, porque deu-me acesso à realidade” (E1, 24 anos).

Dando continuidade aos percursos de inserção, procurámos conhecer os mecanismos mais utilizados pelos jovens no acesso ao mercado de trabalho. Como já vimos anteriormente, utilizam as suas redes de contactos mas também recorrem e dão importância aos apoios públicos do IEFP, já que 6 dos 8 jovens entrevistados referiram a tentativa de beneficiar de um estágio profissional, dos quais só 1 dos jovens beneficiou efectivamente desse apoio.

“Fiz um estágio profissional através do Centro de Emprego na área de informática cerca de um ano. Ganhei novas competências na área. Foi bastante importante, obtive novos conhecimentos. Eu tinha a perspectiva de dar o meu melhor e ficar na empresa, infelizmente não fiquei, acabou o período de estágio e vim para o desemprego” (E4, 25 anos).

“Foi submetido um estágio profissional que veio indeferido e assim não pude realizar” (E2, 24 anos).

“Já fui a entrevistas para estágios, mas não. A perspectiva era ter trabalho no futuro, estagiar num sitio com renome ou não, mas que no futuro conseguisse arranjar trabalho” (E3, 24 anos).

“As empresas usam muito esse método (estágio profissional) para não pagarem tanto aos trabalhadores. Acabando o período de estágio preferem mandar embora e admitir novos para voltarem a encaixar alguma coisa

(financiamento) e pagarem menos, não os metem (estagiários) efectivos mesmo sendo muito bons” (E4, 25 anos).

Como 6 dos 8 jovens entrevistados ponderaram e tentaram efectuar um estágio profissional, podemos concluir que este instrumento de política activa de emprego tende a assumir uma forte centralidade no acesso ao mercado de trabalho, ficando a ideia de que as empresas tendem a utilizar este mecanismo como forma normal de contratação de jovens.

Do ponto de vista da realização profissional constata-se uma relativa homogeneidade nas respostas dos jovens, as quais são marcadas pela ausência de sentimento de realização já que dos 8 jovens apenas 1 se sente realizado profissionalmente.

Os jovens não se sentem realizados profissionalmente dado estarem, a maior parte deles, como vimos anteriormente, numa situação de desemprego ou com um vínculo contratual precário a que acresce o facto de se considerarem mal remunerados.

“Não, nesta altura como estou desempregado, não me sinto rigorosamente realizado em termos profissionais, nem económicos, nem pessoais” (E3, 24 anos).

“Actualmente não me sinto profissionalmente realizado. Eu sentia-me completamente realizado se tivesse o meu emprego, na área, um emprego fixo” (E4, 25 anos).

“É muito cedo para dizer isso, ainda não consigo sentir isso. Ainda não estou realizada. Acho que é importante arranjar um emprego e estabilidade é o essencial para me sentir profissionalmente realizada” (E5, 20 anos).

“Não, claro que não, como é óbvio. Claro que não me pagam para aquilo que faço. Mas profissionalmente não, talvez quando tiver o meu próprio negocio” (E8, 21 anos).

Dos 8 jovens entrevistados, só 3 no momento das entrevistas é que se encontravam a trabalhar o que reforça a conclusão dominante na literatura de que os jovens são as principais vítimas do aumento do desemprego, da precariedade e da insegurança no emprego (Oliveira et al, 2011; Kovács e Lopes, 2012).

3.5 - Estratégias futuras face ao mercado de trabalho

Neste subcapítulo procurámos conhecer as estratégias dos jovens face ao futuro bem como as suas percepções face ao mercado de trabalho, nomeadamente quais as atitudes necessárias para a inserção no mercado de trabalho, o interesse de prosseguir os estudos no futuro, as suas

maiores dificuldades perante o mercado de trabalho e como se vêem profissionalmente daqui a 5 anos.

Os jovens entrevistados elencam como principais atitudes/ comportamentos necessários para a inserção no mercado de trabalho a polivalência, a persuasão, a persistência, o empenho, a determinação, a perseverança, o interesse e a procura do conhecimento através do estudo.

“Acho que um dos pontos fulcrais é o empenho, a determinação e a persistência, não desistir à primeira” (E2, 24 anos).

“Ter boas notas e tentar melhorar o currículo com coisas que complementem o curso” (E5, 20 anos).

“...O mercado de trabalho não está nada fácil. É preciso encarar “isto” de uma forma positiva, acreditar que é uma situação passageira, que o mercado vai dar a volta, é não desistir, não baixar os braços, enviar currículos, persistir e não desistir. Eu acredito que melhore” (E7, 24 anos).

“As atitudes necessárias são a perseverança, conhecimento, interesse, persistência. Para mim o interesse é fundamental” (E8, 21 anos).

A autorresponsabilização percebe-se nos discursos dos jovens, que colocam em si e na sua personalidade a atitude e iniciativa necessárias para encontrar e/ou manter um emprego, mesmo que precário. Estes dados reforçam as conclusões referidas por Marques (2009) segundo as quais os indivíduos devem, cada vez mais, dispor de qualidades pessoais como flexibilidade, autonomia, responsabilidade, adaptabilidade e envolvimento.

Relativamente à vontade de prosseguir dos estudos num futuro, os jovens entrevistados são unânimes nas suas respostas, dando e mostrando interesse e motivação para ingressar / frequentar o ensino superior sendo que dois dos jovens entrevistados já têm frequência universitária.

“...Sim (quero ir) no programa +23 anos... preciso de adquirir mais conhecimentos, preciso de me instruir, preciso de conhecer conceitos...” (E1, 24 anos).

“... Sim, assim que possível (quero) tirar uma especialização tecnológica na minha área... Porque vejo isso como uma vantagem, que me vai abrir novos horizontes. Vou ter novas competências na área e tenho mais possibilidades de arranjar emprego com curso superior. Ou até evoluir dentro do próprio emprego” (E4, 25 anos).

“Sim, para evoluir pessoalmente e profissionalmente, queria sair desta área do atendimento ao público e gostaria de estar noutra área, dar o meu contributo

para a empresa através dos conhecimentos que irei adquirir na faculdade” (E7, 24 anos).

A razão mais invocada pelos jovens para prosseguir os estudos é adquirir e aprofundar conhecimentos e as suas competências, a vontade de evoluir na carreira e a possibilidade de conseguir um emprego melhor remunerado. Estas razões invocadas nas entrevistas reforçam os resultados do estudo de Alves (2005) que considera que coexistem duas lógicas, uma orientada para a realização profissional e outra mais orientada para a realização pessoal.

Relativamente às maiores dificuldades dos jovens perante o mercado de trabalho actual, 5 alegam a falta de experiência, 2 os baixos salários assim como a curta duração dos vínculos contratuais. Estes dados levam-nos a colocar a hipótese de que a precariedade já faz parte das regras do jogo para estes jovens em que o trabalho precário tende a ser encarado como uma inevitabilidade.

“Há muitas empresas que pedem experiência, muitos anos de experiência, muitos anos de trabalho e quem é jovens não pode ter” (E3, 24 anos).

“Essencialmente todos pedem muita experiência. Uma pessoa que saia de escola não tem experiência, não tem tempo para ter experiência” (E4, 25 anos).

“...A falta de experiência, as empresas não dão oportunidade aos jovens de obterem essa experiência” (E7, 24 anos).

“...A duração dos contratos ser bastante curta...as renovações são cada vez mais raras...sem haver estabilidade, a adiar o futuro...” (E2, 24 anos).

“Há muitos jovens com competências desempregados ou ganham “truta e meia” e não se sentem realizados profissionalmente. Acho que os ordenados são baixos, mas também o nível de vida é muito alto em relação aos ordenados” (E6, 24 anos).

Uma das jovens faz ainda alusão às leis laborais demasiado liberais, grande facilidade de despedimento e de fugir às obrigações legais. Estes factos fragilizam os indivíduos que estão a iniciar uma vida profissional.

“A nível legal, cada vez mais a lei protege a entidade patronal. Hoje em dia, com o despedimento fácil, com a facilidade que há em despachar um trabalhador cada vez mais o trabalhador é um número” (E8, 21 anos).

Quando confrontados com o seu futuro profissional a médio prazo (próximos 5 anos), os jovens entrevistados contraditoriamente revelam um grande optimismo no que se refere às possibilidades e condições de trabalho. Todos os jovens referem ver-se a trabalhar na área de formação com estabilidade.

“Espero ter um emprego na minha área, com uma especialização. Para futuro um emprego estável, construir a minha independência”. (E4, 25 anos).

“Vejo-me a trabalhar com estabilidade, já com alguns anos na empresa, progredindo na carreira...” (E5, 20 anos).

“Vejo-me a trabalhar nesta empresa. Com a minha ida para a faculdade gostava que a empresa me desse a oportunidade de trabalhar na área de formação ou seja, aplicar os conhecimentos que vou obter nessa área e progredir e crescer dentro da empresa” (E7, 24 anos).

Dois dos jovens referem a vontade de criar o seu próprio negócio, mostrando a sua vontade de construir a sua saída profissional como empreendedores. Esta vontade de empreender como forma de ultrapassar a sua condição de desempregados é referida por Marques (2009: 87) como a “interiorização de uma cultura de iniciativa empresarial, empreendedora e criativa”.

“...Eternamente ligado ao desporto, ligado à parte de empreendedorismo...vejo-me mais forte, mais organizado...um homem importante do desporto a nível de Portugal” (E1, 24 anos).

“...A minha perspectiva é já ter um negócio meu. Já ser eu a liderar, o patrão de um negócio ligado à animação socio cultural, depois de fazer a licenciatura. Lá está, ser eu a gerar o meu negócio, ligado à animação, na minha zona de residência ou não, onde houver mais procura...” (E2, 24 anos).

Contudo, apesar de ser apresentado por muitos autores como uma forma de resolver o problema do desemprego juvenil, a lógica individualista e empreendedora parece estar longe de se apresentar como a solução milagrosa para o problema colectivo do desemprego em geral e do desemprego juvenil em particular, dado que também este faz apelo a condições económicas e sociais que a maioria dos jovens não tem (Moreira 2011).

Conclusão

Cada vez mais os jovens sentem dificuldades em conseguir uma posição estabilizada no mercado de trabalho, alternando entre períodos em que estão empregados com períodos em que estão desempregados ou em formação. O mercado de trabalho actual é cada vez mais composto pelos chamados “trabalhos atípicos” (Vaz, 1997), que se caracterizam por uma elevada precariedade e flexibilidade. A inserção profissional dos mais jovens tem vindo a sofrer alterações que fazem com que as suas trajectórias profissionais sejam caracterizadas pela incerteza, descontinuidade e menor correspondência entre o diploma e o emprego.

São estes pressupostos teóricos que estão na base do nosso estudo que pretendeu dar resposta à pergunta de partida de “Como se caracterizam as trajectórias de inserção no mercado de trabalho dos jovens com o ensino secundário?”, a qual está na base dos objectivos do estudo.

Através da análise dos dados das entrevistas aos jovens, podemos afirmar que, de um modo geral, o prolongamento da entrada na vida activa, a dependência familiar, o adiamento de constituição de uma família, “conjugalidade” e “parentalidade”, são traços gerais que permitem caracterizar o segmento dos jovens, o que vai ao encontro dos estudos realizados sobre este tema (Alves, 2008; Guerreiro et al., 2007; Pais, 2003).

Um dos factores que faz com que os jovens prolonguem os sucessivos patamares que dão acesso à vida adulta, são as condições associadas ao emprego instável e precário, às baixas remunerações e ao desemprego, como tem vindo a ser referido por diversos autores (Alves, 2008; Kovács, 2013).

Em relação às trajectórias escolares, os jovens são unânimes em considerar a importância dos estudos e das competências adquiridas durante o percurso escolar, criando-lhes vantagens competitivas, “saber fazer” e “saber estar”, na procura de emprego, perspectivando melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, uma grande esperança no futuro na procura de uma maior independência económica.

A nossa amostra é maioritariamente, composta por jovens que optaram pelo ensino profissional (5 em 8), em detrimento do ensino regular (3 em 8). Podemos associar a escolha da modalidade de formação à origem social dos jovens, provenientes de meios mais desfavorecidos, em que o ensino profissional tende a surgir como resposta alternativa face às dificuldades sentidas no ensino regular, conferindo-lhes uma segunda oportunidade no interior do sistema educativo. Contudo, apesar de se constituir em alternativa, o ensino profissional também tende a transformar-se em “ghetos” de segunda oportunidade com a conseqüente desvalorização social e económica (Alves, 2007).

Ainda, numa perspectiva económica, diversos estudos realizados mostram que este tipo de formação (ensino profissional) não aumenta as vantagens comparativas destes jovens no mercado de trabalho. Os empresários portugueses continuam a privilegiar o recrutamento dos jovens menos qualificados (nível I e II), valorizando aspectos como a capacidade de aprendizagem, e as competências motivacionais e comportamentais (Alves, 2007).

O ensino profissional comporta uma componente geral e científica reduzida, sendo a componente tecnológica mais trabalhada, com planos curriculares flexíveis, procurando responder às necessidades locais e regionais, tendo desta forma uma participação directa das empresas através da integração da formação em contextos reais de trabalho (Ministério da Educação, 1992; Pardal et al., 2003). Com os resultados do nosso estudo não conseguimos associar o ensino profissional a uma maior garantia e facilidade de acesso a emprego estável e a melhor remuneração, pois só 1 dos 5 jovens que frequentou o ensino profissional se encontra atualmente empregado. Já no que diz respeito aos jovens que frequentaram o ensino regular, 2 dos 3 entrevistados encontram-se empregados. É ainda de realçar que todos eles se mostram insatisfeitos com o valor da sua remuneração.

No que diz respeito às trajectórias profissionais elas são marcadas por uma lógica de individualização onde os jovens são os principais agentes da sua inserção profissional, assumindo o risco e a autorresponsabilização na procura e obtenção de emprego. Alves (2008:34) defende que os jovens são confrontados com uma individualização de trajectórias o que poderá levá-los a um sentimento de “aceitação da responsabilidade individual na respectiva biografia”.

Os jovens entrevistados apresentam como principais dificuldades na procura de emprego os seguintes elementos: as baixas remunerações, o desconhecimento da profissão, o perfil desadequado, a falta de experiência profissional e a falta de conhecimentos técnicos. Estas dificuldades associadas aos processos de inserção profissional, a par da instabilidade laboral, são fenómenos que, nos recentes contextos de crise económica, têm pautado as transições dos jovens para o mercado de trabalho.

A precarização e flexibilização do emprego, em particular a insegurança laboral, limita os projectos de vida dos jovens, impedindo o direito a “privilégios” previstos na lei, dando origem aos chamados “trabalhos atípicos” (Vaz, 1997), o que também parece verificar-se entre os jovens por nós entrevistados, apesar das suas expectativas positivas face ao futuro.

Refira-se ainda que os jovens identificam como factores mais importantes para a obtenção de emprego, para além da formação escolar, as redes de contactos, nomeadamente familiares, colegas e amigos, mas também reconhecem a importância dos apoios públicos do IEFP, designadamente os estágios profissionais.

Tentando responder, às possíveis estratégias futuras face ao mercado de trabalho, os jovens elencam alguns comportamentos necessários para a inserção no mercado de trabalho: a

polivalência, a persuasão, a persistência, o empenho, a determinação, a perseverança e o interesse. Percebemos nos discursos dos jovens que colocam em si e na sua personalidade os requisitos necessários para encontrar e/ou manter o emprego.

Todos os jovens entrevistados tencionam investir na formação, nomeadamente no ingresso no ensino superior, para adquirir novos conhecimentos e competências e para evoluir na carreira, sendo visto como uma forma de fugir à precariedade e à insegurança laboral.

Já no que respeita às dificuldades no mercado de trabalho, a falta de experiência, os baixos salários, a duração e natureza os vínculos contratuais são os principais problemas identificados. Estes testemunhos dos jovens mostram que os mesmos percebem o mercado actual como precário e instável. Contudo, quando questionados sobre o seu futuro profissional a médio prazo (próximos 5 anos) revelam um grande optimismo quanto à sua situação de trabalho.

Em qualquer investigação existem limitações pelo que esta também não foge à regra. Uma das maiores limitações deste estudo consiste no facto de a investigação ter decorrido num contexto económico e financeiro recessivo, onde as taxas de desemprego são bastante elevadas criando dificuldades acrescidas à inserção dos jovens no mercado de trabalho. Outra limitação que podemos apontar ao estudo aqui apresentado prende-se com o facto de a nossa amostra ser constituída maioritariamente por jovens oriundos de classes sociais desfavorecidas e residentes numa zona periférica no contexto da área metropolitana de Lisboa.

Para investigações futuras, dada a complexidade e abrangência do tema, seria interessante proceder ao follow-up dos jovens entrevistados e se possível alargar o estudo a jovens residentes noutros concelhos com características socioeconómicas diferentes. Outra linha de estudo a explorar passa por incluir jovens oriundos de outras classes sociais com pais detentores de habilitações superiores. Por fim, seria interessante podermos realizar um estudo desta natureza num contexto económico e financeiro de crescimento onde as taxas de desemprego não fossem tão elevadas no sentido de compreender melhor os efeitos das dinâmicas do mercado de trabalho sobre a inserção profissional dos jovens.

Bibliografia

- Almeida, A. J. & Alves, N. (2009). Inserção Profissional: análise comparativa de duas áreas de formação. XIII Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho.
- Almeida, A. J. (2007). Empregabilidade, contextos de trabalho e funcionamento do mercado de trabalho em Portugal. *Sisífo. Revista de Ciências da Educação*, 2: 51-58.
- Alves, M. G. (s.d.). A Inserção profissional de diplomados do ensino superior numa perspectiva educativa. *Revista Europeia de Formação Profissional*, nº4. 31-44.
- Alves, M. G., Alves, N. & Chaves, M. (2012). Inserção Profissional e Razões de Ingresso e Reingresso no Ensino Superior: Um ponto de partida para uma temática em aberto. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 69, pp. 99-118.
- Alves, N. (2005). *Trajectórias Académicas e de Inserção Profissional dos Licenciados (1999-2003)*, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Alves, N. (2007). E se a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social?. *Sisífo. Revista de Ciências da Educação*, 2: 59-68.
- Alves, N. (2008). *Juventudes e Inserção profissional*. Lisboa: Educa /UI&DCE.
- Azevedo, J. & Fonseca, A. (2007). *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão. p. 50-103
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. (4.ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bilhim, J. (2000). "Investimento em Educação e Desenvolvimento de Recursos Humanos", In *AAVV. Estudos em Memória do Prof. Doutor Luís Sá*. Lisboa: Universidade Aberta, 75-109.
- Cabral-Cardoso, C., Estêvão, C. V., & Silva, P. (2006). *As Competências Transversais dos Diplomados do Ensino Superior: TecMinho/Gabinete de Formação Contínua – Universidade do Minho*.
- Caeiro, Joaquim Croca (2008). *Políticas Públicas, Política Social e Estado Providência*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para a Auto-Aprendizagem*. (2.ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Centeno, L., Erskine, A. & Pedrosa, C. (2000). *Percursos Profissionais de Exclusão Social*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.

- Centeno, M. (2013), O trabalho: Uma visão de Mercado, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Cunha, M. P., Rego, A., Cunha, R. C., & Cabral Cardoso, C. (2004). Manual de Comportamento Organizacional e Gestão. Lisboa: RH Editora.
- Dubar, C. (2001). La Construction Sociale de l'insertion Professionnelle. *Éducation et Sociétés*, 1, pp. 23-36.
- Foddy, W. (1996). Como Perguntar. Teoria e prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários. Oeiras: Celta Editora.
- Fortin, M. (2009). Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação. Loures: Lusodidacta.
- Freire, J. (coord.) (2000). *Atitudes face ao Emprego, Trabalho e Tempo Livre: os processos de motivação para o trabalho, a formação e a iniciativa*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP) – Ministério da Solidariedade e da Segurança Social (MSSS). Número de pessoas ao serviço nos estabelecimentos, por actividade económica (2013) Lisboa.
- Divisão de Desenvolvimento Social e Promoção da Saúde (DDSPS) – Câmara Municipal de Montijo (CMM). Caracterização & Retracto e Estatístico do concelho de Montijo, documento de suporte a candidaturas (2015) Montijo.
- Divisão de Desenvolvimento Social e Promoção da Saúde (DDSPS) – Câmara Municipal de Montijo (CMM). Plano de acção integrado para as comunidades desfavorecidas (2015). Montijo.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). O inquérito. Teoria e Prática. Oeiras: Celta Editora.
- Godoy, A. (1995). *Introdução à pesquisa qualitativa e as suas possibilidades*. In: Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v 35, n.º 2, pp. 57-63.
- Gonçalves, C. (2013). Jovens e desemprego: algumas notas. In Brandão, A. M. & Marques, A. P. (org), Jovens, trabalho e cidadania: Que sentidos? pp. 8-19. Braga: Universidade do Minho.
- Guerra, I. (2006). Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentido e Formas de Uso. Estoril: Príncípia Editora.
- Guerreiro, M. D, Abrantes, P. & Pereira, I. (2007). Transições na juventude: percursos e discontinuidades, Lisboa, Celta editora, pp. 239-262.
- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2007). Transições Incertas: Os Jovens perante o trabalho e a família. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

- Hespanha, P. & Carapinheiro, G., orgs. (2001). *Risco Social e Incerteza: Pode o Estado Social Recuar Mais?*. Porto: Edições Afrontamento.
- Jardim, J., & Pereira, A. (2006). *Competências pessoais e sociais: guia prático para a mudança positiva*. Porto: Edições Asa.
- Kovács, I. & Lopes, M. (2012). *A Juventude e o emprego: entre a flexibilidade e a precariedade*. Casaca, S. (Ed.), *Mudanças Laborais e Relações de Género*. Coimbra: Almedina.
- Kovács, I. (2002). *As metamorfoses do emprego: Ilusões e problemas da sociedade da informação*. Oeiras: Celta Editora.
- Kovács, I. (2004). *Emprego flexível em Portugal*. *Sociologias: Porto Alegre*, nº 12, p.32-67.
- Kovács, I. (2013). *Flexibilização do Mercado de Trabalho e Percursos de Transição de Jovens: Uma Abordagem Qualitativa do Caso da Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: SOCIUS
- Lopes, J. T. & Costa, A. F. (2012). *Desigualdades de percursos dos estudantes do ensino superior, actas do VII Congresso Português de Sociologia, APS, Porto, FLUP*.
- Marques A. P. (2010). *Sacralização do mercado de trabalho. Jovens diplomados sob o signo da precariedade*. *Configurações*, 7, pp. 65-89.
- Marques, A. P. (2007). *Meintegra – Mercados e estratégias de inserção profissional. Licenciados versus empresas da Região Norte*. Braga, Universidade do Minho.
- Marques, A. P. (2009). “*Novas legitimidades de segmentação do mercado de trabalho de jovens diplomados*. *Revista Portuguesa de Educação*, 22(2), pp. 85-115.
- Méda, D. (1999). *O Trabalho – Um Valor em Vias de Extinção*, Lisboa: Fim de Século Edições.
- Ministério da Educação. (1992). *Ensino Secundário – Do ensino técnico-profissional aos cursos tecnológicos – 1992-1994*. Lisboa: GETAP.
- Moller, I. (2000). *Understanding Integration and Differentiation*. Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais.
- Moreira, R. (2011). *Empreendedorismo na Universidade do Minho: O caso dos diplomados das ciências sociais*. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Moura, J. (1997). “*Problemas da Política de Emprego*”. In *Sociedade e Trabalho nº 1*, pp. 20-25.
- Oliveira, L. & Carvalho, H. (2010). *Regulação e mercado de trabalho: Portugal e a Europa*. Lisboa: Sílabo.
- Oliveira, L., Carvalho, H. & Veloso, L. (2011). *Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 66, pp. 27-48.

Pais, M. (1990^a). A Construção Sociológica da Juventude – Alguns contributos. *Análise social*, 105-106, pp.139-165.

Pais, M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates*, Porto: Ambar.

Pais, M. (2003). *Culturas Juvenis*, Lisboa: Casa da Moeda.

Pardal, L., Ventura, A., & Dias, C. (2003). *O Ensino Técnico em Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Seco, G., Filipe, L., Pereira, P. & Alves, S. (2009). *Transição para o mercado de trabalho: Competências Pessoais e Sociais*. Braga: Universidade do Minho.

Stake, R. (2012). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vaz, I. (1997). *As formas atípicas de emprego e a flexibilização do mercado de trabalho*, Lisboa, MTSS.

Yin, R. (2010). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. (4.^a ed.). Porto Alegre: Bookman.

Sites consultados:

www.censos.pt consultado a novembro de 2015

www.cmmontijo.pt vários acessos

www.eurostat.com vários acessos

www.iefp.pt consultado a janeiro de 2016

www.ine.pt consultado a dezembro de 2015

www.pordata.pt consultado a fevereiro de 2015

Apêndices

Apêndice 1

Guião de entrevista

Objectivos do estudo:

Caracterizar e compreender a forma como os jovens vêem a inserção profissional nos dias de hoje (fim de emprego para a vida), identificar os factores que influenciam a transição dos jovens para o mercado de trabalho do Concelho do Montijo.

Amostra (indivíduos a entrevistar)

Jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos, com o ensino secundário (completo ou incompleto), inseridos ou não no mercado de trabalho, que tenham terminado ou abandonado o seu percurso escolar no máximo à 2/3 anos. Optando por estes critérios amostrais pretendo garantir a maior diversidade e experiência.

Data de entrevista:

Número de entrevista:

Duração da entrevista:

Local da entrevista:

Guião de entrevista a aplicar aos Jovens

- | | |
|------------------------------|--|
| 1 - Dados Sócio-demográficos | 1.1 Sexo |
| | 1.2 Idade |
| | 1.3 Estado civil |
| | 1.4 Filhos |
| | 1.5 Nível de escolaridade |
| | 1.6 Localidade |
| | 1.7 Situação profissional actual |
| | 1.8 Vínculo contratual (caso esteja a trabalhar) |
| | 1.9 Cargo ou função (caso esteja a trabalhar) |
| | 1.10 Profissão dos pais |
| | 1.11 Habilitações dos pais |
| 2 - Trajectórias Escolares | 2.1 Como descreves o teu percurso escolar? |
| | 2.2 Quais foram para ti as grandes dificuldades / obstáculos no teu percurso escolar? |
| | 2.3 Achas que que as competências que adquiriste durante o teu percurso foram importantes. Porquê? |
| | 2.4 Que expectativas tinhas quando terminaste o teu percurso |

	escolar? O que mais te preocupava?
3 – Trajectórias Profissionais	3.1 Como foi a tua trajectória desde o fim dos estudos até arranjares emprego? 3.2 Hoje em dia fala-se das dificuldades na transição para a vida adulta. Dá-me a tua opinião. 3.3 Quais os teus planos profissionais para os próximos dois anos? 3.4 O que foi para ti mais importante para obteres um emprego? 3.5 Qual a tua opinião sobre o Centro de Emprego? Beneficiaste de algum tipo de apoio? GIP? CLDS? Empresas de Recrutamento? Voluntariado? 3.6 No teu caso consideraste realizado profissionalmente?
4 – Estratégias adoptadas em relação ao mercado de trabalho	4.1 Na tua opinião que atitudes são necessárias adoptar para conseguir a transição para a mercado de trabalho? 4.2 Gostarias de prosseguir estudos no futuro? Quais os mecanismos/ estratégias? 4.3 Quais são as maiores dificuldades dos jovens no mercado de trabalho? Precariedade? Instabilidade? 4.4 Como te vês profissionalmente daqui a 5 anos?

Apêndice 2

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Escolar	Descrição do percursos escolar	E1 – “Para a minha parte profissional a escolaridade foi extremamente importante. Tive a sorte de ter um curso muito prático no final...nunca fui atleta profissional, mas cheguei a ser atleta semi-profissional...escolhi desporto, não havia no Montijo e eu como queria mesmo desporto fui para Alcochete...a escola era nova e fora isso o curso era muito prático...se calhar fiz mais 50 actividades práticas ao longo destes 4 anos que tive lá...reprovei no 10º ano fui operado ao coxis tive um quisto, reprovei tive que anular metade das disciplinas para conseguir fazer a outra metade...anulei metade das disciplinas, fiz as outras e no 11º ano fiz a outra metade tive boas notas até e no 11ºano foi o meu melhor ano...no 12º ano mudou a minha vida”.
		E2 – “...tirei o curso de animador socio-cultural...Fui um aluno normal, não houve nada de extraordinário durante o meu percurso escolar...era mesmo esse curso que eu queria tirar”.
		E3 – “O meu percurso escolar foi um bocado atribulado. Não fiz os anos todos seguidos, chumbei. Houve 1 ano que não foi culpa minha, mas infelizmente por motivos de saúde, mas por um lado foi bom porque depois disso fui para um curso que queria tirar. E lá fiz o 12ºano”.
		E4 – “O meu percurso escolar até decorreu de forma normal. Não houve nada de especial, algumas faltinhas de vez em quando, mas é normal nos jovens, as más companhias, os convívios para beber, fumar, falta-se às aulas, mas eu felizmente nunca fui muito disso. Às vezes lá faltava, mas sempre correu tudo normalmente. Nunca tive negativas por aí além, e acabei o 12º ano que era o que pretendia. É um curso de futuro de informática, bem visto. Quando escolhi o curso, escolhi porque sabia que tinha diversas saídas para o mercado de trabalho. Mas percebi que houve muita gente com a mesma ideia e isto está complicado...foi o curso que quis tirar...porque é uma área que eu gostava muito”.
		E5 – “Nunca fui uma má aluna, nunca tive problemas na escola, foi um percurso normal. Nunca fui uma pessoa de baldas...”.
		E6 – “Tive uns altos e baixos, devido ao divórcio dos meus pais, depois chumbei 2 anos, não por desleixo ou falta de estudo, mas sim por dislexia, ou seja, eu chegava aos testes e sabia as coisas, nas explicações sabia e fazia os exercícios, mas na escola ficava enervada e não conseguia fazer nada. Sempre adorei informática, fiz o curso na área de 9º ano, depois fiz estágio que me evoluiu bastante, depois fiz o curso de gestão de sistemas de informação e programação de nível 4, onde fiz 2 estágios no 2º e 3º ano, onde me garantiu algum sucesso escolar e algum currículo porque é importante a nível profissional. Mais tarde, inscrevi-me na faculdade, mas só depois de estar a trabalhar, porque na minha opinião é mais difícil arranjar trabalho já licenciado ou até com mestrado. Assim fiz o 12º ano, arranjei emprego...”.
		E7 – “...Nunca fui assim uma aluna muito fantástica, deu para passar era muito faladora, por vezes tinha mau comportamento, tinha algumas dificuldades de concentração. No 8ºano chumbei devido às companhias, andava com os alunos mais despassarados, faltávamos às aulas...No 10º ano comecei a tirar notas melhores, também tinha áreas de estudos mais específicas, comecei a dedicar-me mais ao estudo e as notas começaram a melhorar.”
		E8 – “...Até ao 9º ano fui aquilo que se considera uma aluna exemplar...com notas excelentes, com um percurso escolar exemplar...A partir do 9º ano, comecei a baixar as notas...sem ser nunca uma aluna medíocre...Deixei de ser a melhor aluna da turma...porque os meus pais se divorciaram, houve ali uma mudança muito grande na minha vida que influenciaram os estudos.”

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Escolar	Dificuldades no percurso escolar	E1 - "Fui morar para a figueira da Foz a 250 km da minha casa...tinha tido a melhor média em termos específicos, 20-18 nas disciplinas da minha turma...tive a proposta para ir para a Naval jogar para a 2º liga de juniores...fui para lá e a escola não tinha nada a ver, e aí é que encarei a realidade de um curso que não é prático...aquela componente prática importantíssima. Na minha opinião, ali não existia...então eu comecei a faltar às aulas...tive uns problemas, psicologicamente fui muito abaixo...estágio não correspondeu nada às expectativas...Sempre pus a escola à frente de tudo...O problema foi a escola. O estágio depois também não corresponde...a escola na Figueira da Foz...".
		E2 - "O curso realmente exigia um grande nível de empenho e dedicação ao curso, felizmente consegui. Quando é um assunto que nos interessa nós damos o máximo para que corra tudo bem, mas a grande dificuldade que eu encontrei foi no 2º ano quando me foi pedido para ir fazer um estágio na Quinta do Conde, principalmente a nível económico".
		E3 - "Tive alguns obstáculos, chumbei alguns anos...Por acaso foi no 2ºano da primária, 6º ano, 10º ano o ensino tradicional, o curso era demais para mim, tive problemas de saúde".
		E4 - "Em certo momento podem ter sido as companhias, eu dificuldades em si não tive. Houve pequenos contra tempos, as companhias, com sentimentos de que a escola não serve para nada, estou a perder tempo e isso fazia com que faltasse de vez em quando".
		E5 - "No 12º ano fui viver com o meu pai em Lisboa, os meus pais divorciaram-se. Foi diferente, estava noutra escola, mas integrei-me bem. Em termos de disciplinas, tive alguma dificuldade em fazer Matemática do 12º ano...".
		E6 - "...Eu estudava e as coisas não me saíam, passava muito tempo a estudar em casa e depois não atingia os objectivos. Desmotivava porque via os meus colegas a saírem á noite a irem para discotecas, a jogarem futebol e chegavam á hora e tinham as notas e eu que tinha estado uma série de tempo a estudar não conseguia. Felizmente ultrapassei isso".
		E7 - "Tive dificuldade sempre na Matemática, tanto que no 12º ano, tive de ficar a repetir a matemática, tive muitas dificuldades, a exigência era muita e se calhar por grande falha minha tinha falta de bases. Daí eu ter mais dificuldades...as dificuldades eram as línguas e a matemática".
		E8 - "...Foi principalmente a questão familiar que falei anteriormente..."Divorcio dos pais".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Escolar	Importância das competências adquiridas durante o percurso escolar	E1 - "Sim 10 vezes...aplicar hoje em dia muito do que eu sei, é como te disse à bocado...mudou-me a realidade...E assim ficamos a saber como é a realidade como são as coisas a nível profissional...Porque senão tivesse acontecido metade dessas coisas eu não tinha experienciado, não tinha tocado no material...foi extremamente importante a parte prática...E hoje em dia tenho esses conhecimentos..."
		E2 - "...Sem dúvida alguma. Era o que procurava, saber lidar com crianças...Porque trabalhei com crianças. Porque os conhecimentos que nos foram passados ao longo destes 3 anos fizeram com que nós olhássemos para a sociedade de uma forma diferente e para o público com que estamos habituados a trabalhar de outra forma para que os objectivos de cada actividade daqui para a frente tentem mudar a sociedade de uma forma a que possam sempre melhorar, tentar entender melhor a sociedade, tentar integrar os jovens e melhorar o seu relacionamento com os outros".
		E3 - "As competências são importantes porque por um lado até dá para arranjar emprego, mas devido às circunstâncias as coisas estão difíceis, e por outro lado aprendi coisas que me podem ajudar no dia-a-dia...ajudaram de certa forma".
		E4 - "Sim, são...importantes, as competências que adquirir foram importantes...Actualmente no dia-a-dia consigo fazer uns biscates, ganhar uns trocos com os vizinhos, amigos e conhecidos. Tenho preços mais baratos do que as lojas, então as pessoas preferem dirigir-se a mim...faço mais barato".
		E5 - "...Tudo contribui de certa forma para ajudar a atingir os nossos objectivos futuros...há as disciplinas base que precisamos como o português...ajudou-me a saber interpretar melhor os textos...os exames ajudam-nos a ganhar alguns hábitos de estudo".
		E6 - "Foram muito importantes, porque um curso profissional dá-nos sempre uma grande bagagem para a vida profissional, porque para já o curso profissional não é só o 12º ano. O meu 12º ano tinha uma profissão, ou seja, já podia ir para o mundo do trabalho, mesmo que não optasse pelo ensino superior. Em termos das competências, obviamente que muita coisa, portanto a nível de redes, a nível técnico não foi só teoria, isso aconteceu até ao 9º ano. Estou-me a recordar agora da disciplina de história muito teórica, eu não passei na altura. Para mim não era relevante, tinha que ser mais prático, as TIC foi sempre a área que eu quis".
		E7 - "Ao longo destes anos a frequência que tive deram-me as bases que tenho hoje...a formação é muito importante para o atendimento. O português, o saber falar, o saber estar, as competências que adquirir foram importantes para o atendimento ao público".
		E8 - "...Sempre...Apende nunca é demais...tudo aquilo que nós pudermos aprender ser-nos-á útil hoje ou amanhã...Até porque eu já tive várias experiências profissionais, já trabalhei ao telefone, já fiz atendimento ao público e principalmente o saber falar, saber estar, saber manter uma conversa que diga mais do que um bom dia ou boa tarde é sempre importante, ter cultura geral, saber falar de qualquer tema, é um bocadinho por aí..."

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Escolar	Expectativas no final do percurso escolar	E1 - "...Sempre tive as expectativas altas porque eu era muito bem sucedido no meu curso, eu era um aluno respeitado pelos professores, isso passava grande parte pelo meu trabalho...o meu foco era instruir-me ainda mais e ganhar conhecimentos e adquirir ainda mais competências para exercer aquilo que eu queria ser...As minha expectativas abanaram um bocado, não sabia bem o que havia de fazer na altura em que comecei a afastar-me um bocadinho do desporto, tudo por causa da questão dos eventos e dos espectáculos...que eu organizava...era não ter o curso completo, não ter dinheiro para acabar o curso em Lisboa,...pensava em estudar e evoluir para um dia trabalhar".
		E2 - "A expectativa que eu tinha e coloquei a fasquia muito elevada foi tentar fazer o estágio profissional assim que terminasse o curso...Achava que o estágio ia ser a rampa de lançamento para eu nessa empresa onde fosse fazer o estágio tentar fazer a minha integração como trabalhador e não como estagiário...era um elo de ligação que podia ser, uma estratégia...O que mais me preocupava neste caso era não encontrar um sítio onde pudesse realizar o estágio".
		E3 - "...Arranjar logo emprego na minha área, só que eu também queria especializar-me nessa área, por motivos financeiros não tive essa possibilidade...quando tiver oportunidade de me especializar e quando tiver posses...o que mais me preocupava era o medo, começar a trabalhar, algum receio. Tinha acabado de sair da escola, tinha medo de não me adaptar. O mercado de trabalho é diferente, tinha medo de não conseguir arranjar logo emprego".
		E4 - "Quando terminei o curso sempre me disseram que tinha uma grande saída profissional, muito bom para o mercado de trabalho, criei umas expectativas altas...acreditei no que me diziam. Foi um curso que sempre gostei e sempre quis, não só devido às saídas profissionais que tinha, mas também apercebi-me que a tecnologia está a evoluir muito e o curso de informática era essencial, mas em saídas profissionais está cada vez pior porque há muita gente...são 5 cães a 1 osso. É muito complicado arranjar trabalho nesta área, eu próprio pensei que fosse mais fácil. Na minha área só estágios curriculares, incluídos no curso e estágio profissional...Querida arranjar um trabalho e fazer a minha vida independente, não precisar de pedir aos pais, ser independente, ter o meu dinheiro, fazer o que quisesse com ele".
		E5 - "...Entrar para a faculdade, até sabia que se não entrasse tinha que ir trabalhar, não ia estar 1 ano sem fazer nada...as minha prioridades eram mesmo entrar para a faculdade ou arranjar uma emprego, até conseguir entrar para a universidade...".
		E6 - "Não prossegui o estudo, optei pela via mais difícil, defino-me como lutadora...termos de currículo, a nível de carreira, eu sempre quis fazer uma carreira, darem-me valor, nunca pensei ok tenho alguém num sítio conhecido que me possa pôr a trabalhar e ficar lá esquecida...O que me preocupava mais era não conseguir mesmo, apesar destas ambições todas emprego na área porque há muita gente com este curso e muita gente desempregada. Sempre fui muito optimista. Não me arrependo, sem dúvida foi o melhor caminho que eu fiz".
		E7 - "...Arranjar emprego...O não arranjar emprego. A situação actual que toda a gente sabe, o mercado de trabalho é muito difícil, tive receio de não arranjar emprego, portanto eu queria ser independente, queria que os meus pais não tivessem, tivessem menos despesas comigo".
		E8 - "...Ingressar na faculdade como é obvio...decidi juntar-me aos 19 anos e trabalhar e o dinheiro fazia-me falta, e então foi um bocado por aí. Foi muito cedo...E não calhou ter filhos... Que emprego é que vou ter com o 12º ano? Até para varrer ruas é preciso 12º ano. É fundamental. Mais que não seja, em termos de currículo...a nível de currículo é importante ter o 12º ano e pensei nisso como e obvio várias vezes".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Profissional	A procura do 1.º emprego	E1 - "...Foi na Proshop...(risos)...Na altura precisava de ganhar uns trocos, o Malhão propôs-me experimentar, fiquei como responsável de marketing e publicidade e fiquei como braço direito dele...ele é que veio ter comigo...eu na procura de emprego, nunca me faltou coisas para fazer, eu sou da opinião de que se nós procurarmos..., há muitas oportunidades para os jovens em Portugal...Tive 3 meses e meio a trabalhar com ele, foi o 1º emprego".
		E2 - "Então quando eu ingressei na EPM, já fazia parte da direcção de uma associação sem fins lucrativos que é Academia Bairro Miranda também sediada na freguesia Alto Estanqueiro / Jardias...engressei na direcção e ao longo destes anos todos tenho feito trabalhos para esta associação a nível de colónias de férias, nas interrupções lectivas tanto no Natal como na Páscoa, como no Carnaval, tenho pegado num grupo de crianças feito actividades, temos ocupado o tempo...Não nunca experimentei trabalhar fora desta área. Realmente já tive experiência com vários públicos alvo. Já fiz um voluntariado num lar de idosos, ligado a um programa da CMM em 2010 durante 6 meses. Já trabalhei com crianças, adolescentes e idosos, mas sempre na área da animação. Nunca tentei explorar outra área".
		E3 - "Um bocado difícil, até porque fui para a área profissional, fiz muitas entrevistas mas por coisinhas como não ter carta de condução, por não ter transporte próprio, não me sentir á vontade em algumas áreas, por essas coisinhas assim não tem corrido bem".
		E4 - "Andei á procura de emprego na área de informática, enviei alguns currículos mas não deu em nada. Entretanto tive amigos que me falaram no meu 1º emprego que foi no...experimentei, arrisquei, fui lá, houve uma pessoa que lá estava que deu lá um toque e consegui entrar".
		E5 - "...Foi complicado, andei á procura já tinha posto currículos em vários sítios e ninguém me chamava para entrevistas...nunca tinha tido experiência profissional...ninguém sequer me chamava para alguma coisa...acabei por encontrar foi até por uma questão de sorte, a minha tia conhecia a pessoa...se não fosse assim se conseguia o emprego".
		E6 - "...Quando saí da escola para encontrar o meu primeiro emprego, houve aqui uma questão que foi a minha mãe viu-se desempregada e eu não podia estar a escolher o que queria e então foi uma altura muito má em Agosto...Cheguei a fazer 3 e 4 entrevistas no mesmo dia, não tinha experiência em andar em transportes públicos, não tinha facilidade em deslocar-me...Tinha que aproveitar o número máximo de entrevistas por dia, porque tinha a minha mãe desempregada. Realmente esta foi a minha grande preocupação. O meu 1º emprego foi na PT. Eu distingo emprego de trabalho, no emprego temos algumas funções e é precário, no trabalho já não é assim".
		E7 - "Fui uma vez às compras com os meus pais ao Continente, vi o anúncio que estavam a precisar de operadoras de caixa e disse aos meus pais, vou-me inscrever. Como estava a repetir o 12º ano, matemática, resolvi ir trabalhar. E foi assim, inscrevi-me e passado pouco tempo chamaram-me...".
		E8 - "...O meu 1º emprego surge quando de uma discussão com a minha mãe...liguei a uma amiga minha que trabalhava já nessa altura e disse-lhe olha, preciso de trabalhar. O quê tu? Ou seja, sempre fui dentro do meu grupo de amigos aquela que estava mais á vontade para não trabalhar tão cedo. Quatro dias depois dessa conversa comecei a trabalhar...era empregada de balcão...risos por intermédio da minha amiga que já estava no ramo e passado 6 meses passei a gerente dela...(risos). A procura do meu primeiro emprego foi uma simples chamada telefónica. Foi a necessidade que me fez procurar emprego".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Profissional	Dificuldades na procura de emprego	E1 - "...Neste momento na procura de emprego, eu neste momento dou aulas de râguebi numa escola, sou monitor na associação I give de um projecto de apoio social, trabalho para o CDLS + Montijo, e neste momento sou gestor de uma plataforma desportiva digital de gestão de clubes de futebol...ainda dou treinos no ginásio clube Montijo...eu não procuro muito emprego, mas as coisas vêm ter comigo...mas ao fim do mês também me falta dinheiro..."instabilidade financeira"...Financeira...(risos)".
		E2 - "Como tenho sempre procurado emprego na área da animação socio cultural, tenho tido mais "dificuldades"...as pessoas desconhecem realmente qual é o perfil de um animador e o que é que o animador está habilitado a desenvolver...Ou seja, há um desconhecimento da profissão...Assim não existe um investimento nos animadores...Não compreendem para que é que estamos habilitados a trabalhar".
		E3 - "Ser calado, não ter carta de condução, são essas pequenas coisas".
		E4 - "As entrevistas não têm corrido bem, já aconteceu dizer que tenho o curso de informática referirem que tenho habilitações a mais para a função. Entretanto vou a outras entrevistas e dizem que tenho habilitações a menos, precisamos de alguém com mais experiência. Querem 2/3 anos na área, basicamente é isso".
		E5 - "...Existe dificuldades na procura de emprego, até porque aqui no Montijo como é um sítio mais pequeno, eu até achava que era mais fácil, existe o fórum sempre acreditei que encontrasse emprego no fórum, mas nunca me chamaram para nada, no fórum nem no E'leclerc, até tentei alguns sítios em Lisboa, mas nem para entrevistas me chamavam".
		E6 - "Não vou falar muito nesta última fase, de uma forma geral as dificuldades que tive foram ao nível do inglês que é uma das minhas dificuldades e é muito procurado ao nível da informática. Há logo ali uma barra para arranjar um trabalho. Foi a maior dificuldade que tive foi essa, as línguas".
		E7 - "...Acho que actualmente a maior dificuldade é enviar currículos e mais currículos e as empresas são raras aquelas que chamam ou que dizem alguma coisa, é tanta gente a responder ao mesmo anúncio que é complicado".
		E8 - "...Das poucas vezes que tive necessidade de procurar trabalho eu pessoalmente nunca tive grande dificuldade, como é obvio sei que a realidade não é assim. Hoje em dia, o mercado de trabalho não é assim. Ou porque conheço alguém que trabalha no ramo ou porque vou a entrevistas e a coisa dá-se, pela rede de contactos, mas quando tive de enviar currículos consegui, tive a sorte de ser chamada e de ter...até de recusar trabalhos...falta de preparação para as entrevistas".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Profissional	Planos Profissionais para os próximos 2 anos	E1 - "...Daqui a 2 anos já penso trabalhar, pelo menos ser olheiro do Mourinho...a trabalhar para o Chelsea daqui a 2 anos...daqui a 2 anos espero estar em Portugal com a plataforma desenvolvida e com o projecto que criei das escolas privadas e dos ATL's...".
		E2 - "...Para os próximos 2 anos vejo-me a ingressar na licenciatura de Animação e intervenção sócio-cultural no IPS. Já fiz a candidatura este ano, através do programa + 23 anos, portanto a minha perspectiva para os 2 anos não tanto a nível profissional, mas mais a nível de adquirir mais conhecimentos que já sinto falta".
		E3 - "Arranjar emprego, na minha área ou noutra área que me possibilite ganhar o meu dinheiro para poder arranjar casa".
		E4 - "...Quero ver se termino a formação para me dar novas competências noutras áreas e tentar ganhar uns trocos...a formação que estou a realizar é em assentamento de pavimentos, electricidade. Actualmente estamos a acabar o módulo de socorrismo e climatização, refrigeração...Assim que possível especializar-me no meu curso, como hipótese tenho a ATEC...".
		E5 - "...Acabar o curso com boas notas e conseguir um emprego na minha área o mais rapidamente possível e ir subindo na minha área...Tenho um grupo no facebook de licenciados que divulgam informação relacionada com a área".
		E6 - "...Gostava uma vez que esta empresa é uma empresa que investe muito na formação dos colaboradores e está a crescer, eu penso ficar lá nos próximos 2 anos e em crescer porque tenho óptimas possibilidades de lá ficar e de crescer com a empresa. É esse o meu grande objectivo profissional, crescer".
		E7 - "Progredir na carreira, visto que estou no mesmo sítio. Progredir na empresa onde eu estou, visto que neste momento estou a fazer atendimento ao público na mesma, como já tinha referido anteriormente, o meu objectivo é ir para a faculdade no programa + 23 anos e na área de Direito...Risos...e concorrer a alguma posição superior dentro da empresa".
		E8 - "Nos próximos 2 anos espero manter-me aqui com a função que tenho porque com sorte e espero eu estarei a estudar nessa altura. Convinha-me ficar aqui...risos".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Profissional	O mais importante para obter emprego	E1 - "O meu percurso escolar já te disse á bocado...foi o mais importante para mim...porque deu-me acesso à realidade".
		E2 - "...É que o empenho que nós demonstramos em tentar arranjar emprego e na procura, nunca desistindo, não é levar a primeira negativa que vamos ficar logo por ali. Acho que temos que ir á luta e quando é uma coisa que nós gostamos devemos sempre tentar sem nunca desistir. Para mim determinação é o ponto mais importante e tentar arranjar emprego naquilo que estudamos".
		E3 - "Foram as relações familiares, foi também para aprender alguma coisa, trabalho um bocadinho mais duro como antigamente se fazia, ajudou-me também. Recebi também os meus primeiros rendimentos".
		E4 - "O mais importante para obter os empregos que tive foi...grande parte dos empregos foi trabalho temporário, portanto (risos) o trabalho temporário não dá muito dinheiro. O mais importante acho que foram as entrevistas, não se pode ser muito honesto porque há outros que mentem".
		E5 - "...Muito importante ter uma rede de contactos, porque no meu caso não conseguia, até soube de sítios que andavam á procura...punha currículos...não me chamavam. Um bom currículo é importante...Pode ter sido o meu caso por não ter experiência profissional...se calhar sou eu que sou pessimista em relação á procura de trabalho...sem dúvida é importante ter uma boa rede de contactos...Ser uma pessoa comunicativa".
		E6 - "...Insistia muito em enviar currículos, tentava complementar o meu currículo, via os currículos das pessoas que procuravam emprego como eu, existem muitos candidatos para a mesma vaga...mostrar as nossas capacidades. É importante saber fazer um currículo...".
		E7 - "Ganhar dinheiro, estar financeiramente mais estável...rede de contactos. Até porque eu também me inscrevi quando terminei o 12º ano no centro de emprego e empresas de trabalho temporário, nas quais raramente me chamaram. Ou eram situações...tive um caso numa empresa de trabalho temporário de me chamarem para trabalhar 1/2 dias ou situações de ausências de trabalhadores e ir lá fazer uma horas, precariedade mesmo, mas neste caso...Foram os conhecimentos que tinha na empresa que estou agora, tenho 2 primos. Um deles está numa loja como eu, não na mesma e a minha prima está no escritório".
		E8 - "Eu vim para aqui, porque...eu estava a trabalhar antes e foram-me buscar para vir para aqui. Avaliando e conhecendo o meu trabalho noutro lado, convidaram-me para vir para aqui. Foi a minha experiência, nada mais do que isso. Neste caso, alguém que me via trabalhar numa situação idêntica e que me foi buscar para vir para aqui. A experiência e as referências que tinham de mim".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Profissional	Apoios do centro de emprego no percurso escolar	E1 - "...Não. Não, mas tenciono...nunca fiz um estágio profissional...Vou-me candidatar a um projecto que acho que vai haver no Montijo...uma start up no Montijo".
		E2 - "Não...foi submetido um estágio que veio indeferido e pronto não pude realizar, mas no Verão passado através do Instituto Português do Desporto e Juventude fiz um ATL de curta duração através do CSSPA no Montijo...Não recebi nenhum apoio do Centro de emprego, mas recebi este apoio do Instituto Português do Desporto e Juventude que estava inserido num bairro problemático do Montijo".
		E3 - "Não, já fui a entrevistas para estágios, mas não. Também por pequenas coisinhas...Tenho vontade, as pessoas é que não têm vontade nenhuma, o problema é esse...A perspectiva era ter trabalho no futuro, estagiar num sítio com renome ou não, mas que no futuro conseguisse arranjar trabalho fixo".
		E4 - "...Sim. Fiz um estágio profissional através do centro de emprego na área de informática cerca de 1 ano. Achei produtivo para além de ser na minha área, recebia um salário, ganhei novas competências na área. Foi bastante importante, obtive novos conhecimentos. Eu tinha a perspectiva de dar o meu melhor e ficar na empresa, infelizmente não fiquei, acabou o período de estágio e vim para o desemprego...as empresas usam muito esse método para não pagarem tanto. Acabando o período de estágio preferem mandar embora e admitir novos, para voltarem a encaixar alguma coisa e pagarem menos, não os metem efectivos mesmo sendo muito bons, e chamam novos".
		E5 - "...Não, aliás não estou inscrita no centro de emprego...conheço várias pessoas que estão inscritas e não usufruíram de nada ou quase nada...não senti que seria uma mais valia para mim estar inscrita...conheço pessoas que às vezes são chamadas para mini cursos, coisas precárias que acabam com o desemprego pouco tempo depois".
		E6 - "Não, nunca tive direito a subsídio de desemprego, nunca realizei um estágio profissional...Inicialmente, inscrevi-me para facilitar a faculdade. No entanto, esse estágio ficou sem efeito e acabei por não beneficiar".
		E7 - "Não, estava inscrita mas nunca obtive nenhum apoio por parte deles. Foi por opção, foi...porque muitos dos estágios nem sequer eram remunerados e quase tinha que pagar para lá andar e eu precisava era de dinheiro, optei por aguardar mais um tempo até surgir a oportunidade de aparecer outra coisa que me pudesse dar mais estabilidade financeiramente, até porque nem sequer tenho carro. Portanto também não posso gastar dinheiro com gasolinas e manutenções com o carro".
		E8 - "Não, porque como disse á pouco nunca tive desempregada. Nada".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Trajectória Profissional	Realização profissional	E1 - "...Sinceramente sim, monetariamente não...Alguns são. Estou à 3 anos no GCM, dou aulas 3 vezes por semana, nunca recebi mais do que 80€. Como exemplo, um amigo meu está a treinar uma equipa 2 vezes por semana recebe 1200 Libras por jogar e recebe mais por dar esses treinos... Porque faço o que gosto e aquilo que aprendi...E eu faço aquilo que gosto...Sinto-me realizado, sinto-me bem com aquilo que faço. Só gostava de ter mais um bocadinho de mais dinheiro, Mas isso é um problema geral".
		E2 - "Ainda não...Porque agora actualmente estou concentrado em adquirir mais conhecimentos, por isso é que me candidatei ao IPS e após a licenciatura aí sim, vou tentar arranjar um emprego na animação socio cultural para poder...trabalhar por conta de outrem mas a um nível mais elevado de animação socio cultural".
		E3 - "Não, nesta altura como estou desempregado, não me sinto rigorosamente realizado em termos profissionais, nem económicos nem pessoais. Isto está muito complicado...neste momento comecei a tirar uma formação em várias áreas através de módulos, electricidade, carpintaria, refrigeradores que para futuro podem ajudar-me a arranjar emprego. Serve para complementar a minha formação base, ficarmos parados não ajuda".
		E4 - "Actualmente não me sinto profissionalmente realizado. Eu sentia-me completamente realizado se tivesse o meu emprego na área, um emprego fixo, tendo um trabalho que se goste trabalha-se sempre mais. Se for numa área que seja a nossa o nosso rendimento nunca é tanto superior como na nossa área".
		E5 - "...É muito cedo para dizer isso, ainda não consigo sentir isso. Ainda não estou realizada. Acho que é importante arranjar um emprego e estabilidade, é o essencial para me sentir profissionalmente realizada...".
		E6 - "Actualmente sim, felizmente...hoje consigo dizer que estou realizada profissionalmente, mas não penso em ficar por aqui, dentro do meu percurso profissional e dentro do meu percurso escolar".
		E7 - "Ainda não, ainda tenho uma longa caminhada pela frente. Não, porque pretendo estudar, acabar os meus estudo e aí sim, quando terminar e tiver a trabalhar na área de estudos, espero vir a estar realizada profissionalmente, portanto neste momento ainda não. Porque ainda não acabei a minha etapa escolar e gostava de acabar e trabalhar noutra área. Eu não gosto de estar estagnada, não quero estar tanto tempo nesta posição, atendimento ao público. Não é que eu não goste, até gosto de atender o público, cada dia é um dia diferente, não é monótono, clientes diferentes e também temos o incentivo de loja, quanto mais vendes mais recibes. Torna-se aliciante".
		E8 - "...Não, claro que não como é óbvio. Claro que não me pagam para aquilo que eu faço. Mas pronto, o ambiente é bom, as pessoas...Mas realizada profissionalmente não, talvez quando tiver o meu próprio negócio".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Estratégias futuras face ao mercado de trabalho	Atitudes necessárias para a inserção no mercado de trabalho	E1 - "...Temos de fazer um bocado o que os outros querem...infelizmente as pessoas querem mandar, o dinheiro é pouco, o poder é muito...não há muita liberdade para fazer o que se quer...acho que há muitas pessoas que não querem sequer trabalhar".
		E2 - "...Acho que um dos pontos fulcrais é o empenho, a determinação e a persistência, não desistir á primeira".
		E3 - "Persuasivo, às vezes pregar umas mentirinhas porque acho que ser sincero às vezes não ajuda. Porque se nós formos sinceros é um entrave. Tenho isso a alguma entrevistas, ser persistente. Há entrevistas que correm bem, mas parece-me que correm melhor ainda a outros. Já tive em empresas que correram muito bem, mas houve outros melhores que ficaram. Pode ser azar, falta de sorte".
		E4 - "...Vi ali a possibilidade de ganhar uns trocos e ganhar novas competências para o futuro, além disso conhecer novas pessoas e poder ingressar no mercado de trabalho...Temos que ser muito persistentes, meter currículos, persistir e não desistir, ir á luta, procurar até não poder mais. Meter currículos pela internet, fazer a pesquisa e insistir, só insistindo é que se consegue alguma coisa."
		E5 - "...Ter boas notas e tentar melhorar o currículo com coisas que complementem o curso..."workshops", mini cursos que dão diplomas e que ajudam a servir de complemento para o currículo...as empresas agora valorizam outras questões, como o voluntariado, ser flexível...Eu pretendo já começar a fazer voluntariado, porque sei que valorizam o tempo de voluntariado...é uma das estratégias que pretendo adoptar".
		E6 - "A nível de imagem, ir para uma entrevista de calção e chinelo no dedo não é propriamente a melhor forma. Conhecer bem a empresa, é um dos principais objectivos do empregador perceber se conhece a empresa...a nível de conhecimentos é importante saber a função á qual nos candidatamos, pois podemos enviar mais do que um currículo para a mesma empresa. Não convém cair na empresa de para-queda. Ter algumas respostas já estudadas".
		E7 - "O mercado actual não está fácil, muita gente anda desmoralizada, triste, completamente desmotivada porque o mercado de trabalho não está nada fácil. É preciso encarar isto de uma forma positiva, acreditar que isto é uma situação passageira, que o mercado vai dar a volta, é não desistir, não baixar os braços, enviar currículos, persistir e não desistir. Eu acredito que melhore".
		E8 - "A persistência, o ir para uma entrevista de trabalho preparado, saber para aquilo que se vai porque eu cheguei a assistir e eu própria cheguei a fazer entrevistas de trabalho onde eram enviados currículos e quando falava com eles ao telefone e quando lhes dizia a que empresa pertencia, não sabiam para o que iam, por tanto interesse, porque muitas das vezes isso nem sequer acontece. A apresentação, ou seja imagem, ir para uma entrevista de chapéu, não pelo chapéu é preciso ter cuidado em relação ao que vão. É necessária uma preparação a nível de imagem, conhecimento da empresa...as atitudes necessárias são perseverança, conhecimento, interesse, persistência. Para mim o interesse é fundamental".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Estratégias futuras face ao mercado de trabalho	Prosseguir estudos no futuro	E1 - "...Sim, no programa + 23 anos...preciso de adquirir mais conhecimentos, preciso de me instruir, preciso de conhecer conceitos...Ligado ao desporto...eventos desportivos...formação é importante, os valores são importantes, vou voltar à escola...".
		E2 - "Sim ... por isso é que efectuei a candidatura á licenciatura...adquirir mais conhecimento."
		E3 - "...Gostava de me especializar na minha área se tiver possibilidades para isso...possibilidades financeiras...há uns meses tirei outra formação de electricidade, ainda estive lá 6/7 meses, é muito bom porque a parte de electricidade um ofício. Temos que agarrar estas oportunidades...porque o mercado de trabalho está mesmo muito difícil".
		E4 - "Sim, assim que possível tirar uma especialização tecnológica na minha área...Porque vejo isso como uma vantagem, que me vai abrir novos horizontes. Vou ter novas competências na área, e tenho mais possibilidades de arranjar emprego com curso superior. Ou até evoluir dentro do próprio emprego...".
		E5 - "...Gostaria de fazer um mestrado...Na esperança que me dê ainda mais competências...seja uma mais valia para as empresas, que me torne mais valorizada e que me vejam como uma pessoa mais especializada...Estar mais segura na minha área, ser um profissional que sabe do que fala".
		E6 - "Actualmente, estou na faculdade com horário pós-laboral...porque a licenciatura dá-nos uma abertura diferente a nível de conhecimentos. Em 2º lugar, hoje não somos ninguém sem um canudo. Em 3º lugar, acho que é importante conhecer pessoas evoluídas".
		E7 - "Sim. Conforme eu tinha dito á bocadinha, para evolui pessoalmente e profissionalmente, queria sair desta área do atendimento ao público e gostaria de estar noutra área, dar o meu contributo para a empresa através dos conhecimentos que irei ter da faculdade".
		E8 - " Sim. Porque os estudos são fundamentais, eu lembro-me de gostar de estudar. Faço intenções disso (voltar a estudar...através do programa +23 anos daqui a 2 anos...Bem a 1 ano, tenho 22 anos daqui a um mês".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Estratégias futuras face ao mercado de trabalho	Dificuldades dos jovens no mercado de trabalho	E1 - "...Jovens acima de tudo é quem não tem escolaridade...houve uma desmotivação geral em Portugal, esta crise que houve é uma crise real, mas ao mesmo tempo também é uma crise social. E os 34% na minha opinião são o espelho de muita gente que não quer trabalhar. Pode ter a ver também com o Estado não apoiar as pequenas e médias empresas...Há aqui por parte dos jovens um acomodar...há uma desmotivação profissional e social, uma onda de negatividade ao nível de Portugal".
		E2 - "...A duração dos contratos ser bastante curta... as renovações são cada vez mais raras...sem haver estabilidade, a adiar o futuro...acho que a maior dificuldade que existe já vem dos jovens, desistem muito facilmente de ir á procura de emprego...acho que sim (existe uma descrença)".
		E3 - "Há muitas empresas que pedem experiência, muitos anos de experiência, muitos anos de trabalho e quem é jovem não pode ter. Há muitos que pedem jovens de 25 anos tenham muitos anos de experiência, é impossível. É mesmo para excluir".
		E4 - "Abandonarem os estudos, terem pouco estudosmas também não convém ter estudos a mais. Essencialmente todos pedem muita experiência. Uma pessoa que saia da escola não tem experiência, não têm tempo para ter experiência. Acho que as empresas estão a ser um bocadinho exageradas, porque os jovens são os que têm mais vontade de trabalhar e não estamos a ser aproveitados, basicamente".
		E5 - "...Uma das dificuldades é a falta de experiência, as empresas dizem que as pessoas têm falta de experiência, mas ao mesmo tempo se não trabalharem não têm experiência, é logo das coisas que a maior parte dos sítios...isso é muito difícil para uma pessoas que acabaram de sair da escola conseguirem ter...experiência. Essa é logo uma das dificuldades que os jovens são confrontados...uma coisa que acho que dificulta e prejudica são os tais estágios não remunerados ou mesmo alguns remunerados em que os jovens são postos a trabalhar o estado paga uma percentagem mas o jovem acaba por voltar ao desemprego no final do estágio...ainda pior os contratos a termo ou sazonais, contratam o jovem durante um X tempo e a seguir voltam a mandá-lo embora...ninguém vai comprar uma casa num emprego com contrato a termo...ninguém vai sair de casa dos pais sequer com um emprego sem estabilidade e com isto os filhos passam para depois e depois...".
		E6 - "Hoje em dia, não se querem habilitar a qualquer coisa....acho que há pessoas que são bem pagas demais para o que fazem, estão a roubar muitas vezes trabalho a alguém que é mais competente, por outro lado, há muitas jovens com competências desempregadas ou ganham truta e meia e não se sentem realizados profissionalmente. Acho que os ordenados são baixos, mas também o nível de vida é muito alto em relação aos ordenados...os jovens são relaxados, encostam-se muito...os jovens são mal preparados. Os jovens hoje em dia, são mal preparados para entrar no mercado de trabalho...Existe aqui uma série de factores que faz com que todos (jovens, empregadores) estejam desmotivados".
		E7 - "A falta de experiência, as empresas não dão oportunidade aos jovens de obterem essa experiência...Como é que um jovem acabado de sair da escola vai ter 4/5 anos de experiência? Os jovens não podem ter experiência, as empresas não dão essa oportunidade. Há cursos realmente que são muito teóricos e na prática não aplicas nada do que aprendeste, mas de certa forma acho que as empresas deviam receber os jovens pra esses jovens adquirem experiência. Há anúncios que limitam a idade do trabalhador...precariedade, os empregos que obtêm as remunerações são muito baixas, são mesmo "chulados" digamos assim, explorados pronto...os jovens sentem-se desmotivados e nem querem sequer trabalhar para ganhar uma ninharia, mas há que começar por algum sítio".
		E8 - "A nível legal e a minha opinião é esta, cada vez mais a lei protege a entidade patronal e os patrões. Há 20 anos atrás uma pessoa que entrava para uma empresa tinha e podia projectar os 5/10 anos futuros a crescer na empresa, isto acontecia. Hoje em dia, com o despedimento fácil, com a facilidade que há em despachar um empregado, cada vez mais o empregado é um número. Cada vez mais se vêem os jovens a queixarem-se disto porque lá está são precisos resultados e quando isso não aparece, mesmo que a culpa não seja do jovem funcionário, acaba por ser despedido sem qualquer apelo...porque cada vez mais há possibilidade legalmente de não pagar isto, de não pagar aquilo. Cada vez mais fazem-se contratos para as férias de alguém, contratos de 2 dias e é por aí".

Dimensão	Sub-dimensão	Unidades de sentido
Estratégias futuras face ao mercado de trabalho	Objectivos profissionais nos próximos 5 anos	E1 - "...Eternamente ligado ao desporto, ligado á parte do empreendedorismo, gostaria de estar na Alemanha a estudar e a fazer um estágio no Borussia Dortmund ou uma coisa assim do género...tirar um curso na Suíça...para trabalhar nos jogos Olímpicos em 20... Vejo-me mais forte, mais organizado...A instabilidade faz parte da minha escolha de vida, mas há muitas pessoas que não entendem....Falar de desporto em Portugal..., nomeadamente de futebol é falar em instabilidade... ser um homem importante do desporto a nível de Portugal".
		E2 - "...Profissionalmente daqui a 5 anos...a minha perspectiva é já ter um negócio meu. Já ser eu a liderar, o patrão de um negócio ligado à animação socio cultural, depois de fazer a licenciatura. Lá está ser eu a gerar o meu negócio, ligado à animação, na minha zona de residência actual ou não, onde houver mais procura...mais ainda não comecei a fazer o estudo".
		E3 - "Daqui a 5 anos profissionalmente, ter um emprego fixo, tirar a carta de condução e ter casa própria, arranjar uma namorada...Um emprego fixo onde calhar, se me arranjam oportunidade a ganhar bem para ter um melhor futuro eu vou. Podem-me oferecer na área do Montijo emprego, mas por exemplo em Setúbal onde vou receber mais vou para Setúbal...vou para onde ganhar mais. Tem que ser assim. Não é por ser perto de casa que vou aceitar, interessa-me sim os benefícios".
		E4 - "Espero ter um emprego na minha área, com uma especialização. Quero arranjar um trabalho fixo para ter o meu rendimento dentro de uma empresa com renome ou sem renome interessa-me é ter esse trabalho. Poder ter outras regalias, se for despedido já posso aceder a subsídios de desemprego, rendimentos mínimos. Para futuro um emprego estável, construir a minha independência".
		E5 - "...Vejo-me a trabalhar com estabilidade, já com alguns anos na empresa, progredindo na carreira... Gostava de ter um cargo de direcção...a trabalhar em investigação, gerir um laboratório... a trabalhar estável, feliz neste país sem emigrar de preferência...com a situação actual acho que é impossível de tirar essa hipótese de cima da mesa, por completo. Nos meus planos não é o que eu quero, gostaria de estar em Portugal e quem sabe fora de casa com emprego estável... (risos). Tenho noção que as probabilidades estão contra os jovens... estamos no mercado que arrasta e cansa as pessoas...até tira a esperança".
		E6 - "Uma mulher de sucesso...risos é mesmo, não tentar ser mais, mas é isso. Trabalho para isso. Daqui a 5 anos, espero ter a licenciatura acabada, espero ter mestrado, espero estar a fazer auditorias a nível de empresas, na área de segurança informática, nomeadamente em empresas grandes".
		E7 - "...Vejo-me a trabalhar nesta empresa com a minha ida para a faculdade. Gostava que a empresa me desse a oportunidade de trabalhar na área de formação, ou seja, aplicar os conhecimentos que vou obter na faculdade nessa área e progredir e ir crescendo dentro da empresa, se a empresa me der essa facilidade irei com certeza agarrar, por isso vou-me aplicar nos estudos e tentar, não desistir."
		E8 - "...Vejo-me a trabalhar numa área que goste, a terminar o curso e provavelmente á procura de emprego na área que eu quero...Educadora de Infância".